

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**BRUNA ANZILIERO**

**APURAÇÃO E ANÁLISE DO RESULTADO ECONÔMICO GERADO PELAS  
CULTURAS DE PÊSSEGO E AMEIXA EM UMA PROPRIEDADE RURAL DE  
ANTÔNIO PRADO - RS**

**CAXIAS DO SUL**

**2015**

**BRUNA ANZILIERO**

**APURAÇÃO E ANÁLISE DO RESULTADO ECONÔMICO GERADO PELAS  
CULTURAS DE PÊSSEGO E AMEIXA EM UMA PROPRIEDADE RURAL DE  
ANTÔNIO PRADO - RS**

Monografia apresentada como requisito  
para a obtenção do Grau de Bacharel em  
Ciências Contábeis da Universidade de  
Caxias do Sul

Orientador: Prof. Esp. Nilton De Marchi

**CAXIAS DO SUL**

**2015**

**BRUNA ANZILIERO**

**APURAÇÃO E ANÁLISE DO RESULTADO ECONÔMICO GERADO PELAS  
CULTURAS DE PÊSSEGO E AMEIXA EM UMA PROPRIEDADE RURAL DE  
ANTÔNIO PRADO - RS**

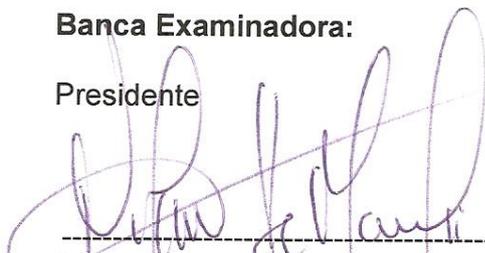
Monografia apresentada como requisito  
para a obtenção do Grau de Bacharel em  
Ciências Contábeis da Universidade de  
Caxias do Sul

Orientador: Prof. Esp. Nilton De Marchi

Aprovado (a) em 03/12/2015

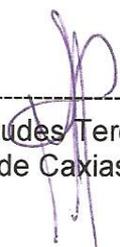
**Banca Examinadora:**

Presidente

  
-----  
Prof. Esp. Nilton De Marchi  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Examinadores:

  
-----  
Profª. Drª. Marlei Salete Mecca  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

  
-----  
Profª. Ma. Cleudes Teresinha Maffei Barcellos  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico aos meus pais, minhas irmãs e meu namorado que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando para que eu pudesse chegar até aqui e tornar este sonho realidade. Obrigada pelo apoio, incentivo e amor incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero expressar meus agradecimentos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este trabalho fosse realizado.

A todos os mestres pelo aprendizado e conhecimentos transmitidos durante a graduação, em especial ao meu orientador, Prof. Esp. Nilton De Marchi, pela sua disponibilidade, competência e orientação durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Gilmar e Janete, que sempre me apoiaram e incentivaram em todos os momentos de minha caminhada, obrigada por todo amor e compreensão. Vocês são meus heróis, meus maiores exemplos; a vocês eu dedico esta conquista!

Às minhas irmãs pela disponibilidade e ajuda durante a realização dessa pesquisa, de forma especial, à minha irmã Angélica, amiga e companheira desta longa jornada; obrigada por todo apoio e pelos bons momentos vividos juntas.

Ao meu namorado Renan, que compartilha comigo todas as alegrias e preocupações, pela compreensão de minhas constantes ausências e apoio nas horas difíceis.

Aos meus amigos, de longa data e aos feitos na Universidade, pelas horas de descontração, ajuda, companheirismo e troca de experiências. Obrigada por tornarem meus dias mais felizes e menos cansativos.

Finalmente, agradeço a Deus, por iluminar meus caminhos e guiar meus passos para poder transformar este grande sonho em realidade.

*“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos”.*

Eleanor Roosevelt

## RESUMO

A agricultura é um importante segmento da economia nacional por produzir alimentos e fornecer matéria-prima para as indústrias. O gestor rural, assim como os demais gestores, necessita ter grande domínio acerca da atividade econômica que está desenvolvendo, bem como conhecer as condições de mercado a fim de conseguir resultados positivos no seu negócio. No entanto, a maioria dos produtores não conhece a rentabilidade de suas atividades, muito menos seus custos de produção. Desse modo, é importante que todas as propriedades rurais possuam uma estrutura de custos, a fim de apurar os resultados obtidos com a colheita e posterior venda de seus produtos. Assim, este estudo tem por objetivo analisar o resultado econômico gerado pelas culturas de pêsego e ameixa em uma propriedade rural de Antônio Prado – RS, durante a safra 2014/2015. A fundamentação teórica baseou-se em uma revisão dos assuntos pertinentes ao tema, bem como foi apresentada a situação do setor agrícola brasileiro, além de um pequeno panorama da produção de pêsego e ameixa. Com relação à metodologia aplicada, a pesquisa tem como características, o estudo de caso e a pesquisa documental. Para atingir o objetivo proposto, apuraram-se os custos de produção de cada cultura para a safra através dos métodos de custeio por absorção e variável, bem como se analisou o resultado econômico gerado pela venda das mesmas. A partir dos resultados encontrados pelos dois métodos, a ameixa apresenta melhores resultados econômicos que se comparados ao do pêsego, assim como os melhores índices de lucratividade e rentabilidade para o período. Diante disso, este estudo mostra-se útil para o gestor da propriedade ao passo que, demonstra a importância de se possuir um controle de custos na propriedade, bem como apurar e avaliar o resultado gerado pelas culturas, sendo indispensável ao produtor rural para fins de conhecimento e tomada de decisão.

**Palavras-chave:** Atividade rural. Contabilidade de custos. Custeio por absorção. Custeio variável. Resultado econômico gerado. Pêsego. Ameixa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conceitos básicos de gastos.....	31
Figura 2: Custos variáveis.....	33
Figura 3: Custos Fixos.....	34
Figura 4. Custeio por Absorção.....	35
Figura 5: Princípios fundamentais do ABC.....	38
Figura 6: Apropriação dos custos segundo o ABC.....	39
Figura 7: Fórmula do <i>Mark-up</i> .....	41
Figura 8: Vista aérea da propriedade rural.....	52
Figura 9: Vista aérea do pomar de ameixa .....	54
Figura 10: Representatividade dos custos no custo total do pêsego .....	78
Figura 11: Representatividade dos custos no custo total da ameixa .....	78
Figura 12: Representatividade dos custos no custo variável do pêsego.....	80
Figura 13: Representatividade dos custos no custo variável da ameixa.....	80

## LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Variedades de pêsego.....	53
Quadro 2: Variedades de ameixa.....	54

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Receita Bruta total da safra .....	55
Tabela 2: Receita Bruta obtida com a venda do pêsego .....	56
Tabela 3: Receita Bruta obtida com a venda da ameixa .....	57
Tabela 4: Custo com insumos pêsego Chimarrita .....	58
Tabela 5: Custo com insumos pêsego Marli.....	59
Tabela 6: Custo com insumos pêsego Della Nona.....	60
Tabela 7: Custo com insumos pêsego Eragil .....	61
Tabela 8: Custo com o funcionário.....	62
Tabela 9: Custo de mão de obra empregada no cultivo do pêsego .....	63
Tabela 10: Custo total de mão de obra pêsego.....	64
Tabela 11: Custos indiretos de produção comuns totais da safra .....	65
Tabela 12: Cálculo da depreciação anual de máquinas e equipamentos .....	65
Tabela 13: Custos indiretos de produção comuns do pêsego.....	67
Tabela 14: Custos indiretos de produção específicos do pêsego.....	67
Tabela 15: Custo de implantação de 1 ha de pêsego .....	67
Tabela 16: Custo das mudas de pessegueiro .....	68
Tabela 17: Depreciação anual dos pomares de pêsego .....	68
Tabela 18: Custos com seguro e energia elétrica .....	69
Tabela 19: Custos indiretos de produção totais da cultura pêsego .....	69
Tabela 20: Custo com insumos ameixa Fortune .....	70
Tabela 21: Custo com insumos ameixa Letícia .....	71
Tabela 22: Custo de mão de obra empregada no cultivo da ameixa .....	72
Tabela 23: Custo total de mão de obra ameixa.....	73
Tabela 24: Custos indiretos de produção comuns da ameixa.....	74
Tabela 25: Custos indiretos de produção específicos da ameixa.....	74
Tabela 26: Custo de implantação pomar de ameixa .....	74
Tabela 27: Custo das mudas de ameixeira .....	75
Tabela 28: Depreciação anual do pomar de ameixa .....	75
Tabela 29: Custos com seguro e arrendamento .....	76
Tabela 30: Custos indiretos de produção totais da cultura ameixa .....	76
Tabela 31: Mapa geral dos custos – Custeio por Absorção .....	77
Tabela 32: Mapa geral dos custos – Custeio Variável .....	79

Tabela 33: Despesas da safra.....	81
Tabela 34: Receita Operacional Líquida do Pêssego .....	82
Tabela 35: Receita Operacional Líquida da Ameixa .....	82
Tabela 36: Resultado do pêssego pelo Custeio por Absorção .....	83
Tabela 37: Resultado da ameixa pelo Custeio por Absorção .....	83
Tabela 38: Resultado do pêssego pelo Custeio Variável .....	84
Tabela 39: Resultado da ameixa pelo Custeio Variável .....	85
Tabela 40: Resultado consolidado da safra .....	86
Tabela 41: Lucratividade sobre o preço de venda.....	87
Tabela 42: Rentabilidade sobre o preço de venda .....	88
Tabela 43: Mão de obra: Produção normal .....	89
Tabela 44: Lucratividade para uma produção normal .....	90
Tabela 45: Rentabilidade para uma produção normal.....	91
Tabela 46: Comparativo dos resultados líquidos apurados.....	91
Tabela 47: Variação do índice de lucratividade e rentabilidade .....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
apl.	aplicação
Dr <sup>a</sup> .	doutora
Esp.	especialista
<i>et.al</i>	e outros
ha	hectare (s)
Ma.	mestra
n <sup>o</sup> .	número
p.	página
Prof.	professor
Prof <sup>a</sup>	professora
quant.	quantidade
sc.	saco
un.	unidade
unit.	unitário

## LISTA DE SIGLAS

ABC -	Custeio Baseado em Atividades
EMBRAPA -	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EPIs -	Equipamentos de Proteção Individual
FAO -	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FGTS -	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FUNRURAL	Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS -	Instituto Nacional de Seguridade Social
PIB -	Produto Interno Bruto
RS -	Rio Grande do Sul
UCS -	Universidade de Caxias do Sul

## LISTA DE SÍMBOLOS

%	por cento
h	horas
kg	quilograma
km	quilômetro
l	litro
R\$	reais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO .....	17
1.2	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA .....	19
1.3	HIPÓTESES OU PROPOSIÇÕES .....	20
1.4	OBJETIVOS .....	21
<b>1.4.1</b>	<b>Objetivo geral .....</b>	<b>21</b>
<b>1.4.2</b>	<b>Objetivos específicos .....</b>	<b>21</b>
1.5	METODOLOGIA.....	21
1.6	ESTRUTURA DO ESTUDO .....	23
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>25</b>
2.1	CONTABILIDADE.....	25
<b>2.1.1</b>	<b>Breve Histórico.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Conceito.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.4</b>	<b>Aplicação e usuários da Contabilidade.....</b>	<b>26</b>
2.2	CONTABILIDADE DE CUSTOS.....	27
<b>2.2.1</b>	<b>Conceito e finalidade .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Terminologias de Custos .....</b>	<b>28</b>
2.2.2.1	Desembolso.....	28
2.2.2.2	Gasto .....	28
2.2.2.3	Investimento .....	29
2.2.2.4	Custos .....	29
2.2.2.5	Despesas.....	30
2.2.2.6	Perda.....	30
2.2.2.7	Desperdício .....	30
<b>2.2.3</b>	<b>Classificação dos Custos.....</b>	<b>31</b>
2.2.3.1	Custos Diretos .....	31
2.2.3.2	Custos Indiretos.....	32
2.2.3.3	Custos Variáveis.....	32
2.2.3.4	Custos Fixos.....	33
<b>2.2.4</b>	<b>Métodos de Custeio .....</b>	<b>34</b>

2.2.4.1	Custeio por Absorção .....	34
2.2.4.2	Custeio Variável .....	36
2.2.4.2.1	Margem de Contribuição .....	37
2.2.4.3	Custeio Baseado em Atividades (ABC) .....	38
2.3	FORMAÇÃO DO PREÇO DE VENDA .....	39
2.4	CONTABILIDADE RURAL.....	42
<b>2.4.1</b>	<b>Aspectos Gerais.....</b>	<b>42</b>
<b>2.4.2</b>	<b>Conceito e finalidade .....</b>	<b>43</b>
<b>2.4.3</b>	<b>Custos de produção na atividade rural.....</b>	<b>44</b>
<b>2.4.4</b>	<b>Depreciação na Atividade Rural .....</b>	<b>45</b>
<b>2.4.5</b>	<b>Gestão na Atividade Rural.....</b>	<b>46</b>
2.5	SETOR AGRÍCOLA BRASILEIRO .....	47
2.6	PANORAMA DA PRODUÇÃO DE PÊSSEGO E AMEIXA .....	50
<b>2.6.1</b>	<b>Pêssego .....</b>	<b>50</b>
<b>2.6.2</b>	<b>Ameixa .....</b>	<b>50</b>
<b>3</b>	<b>ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>52</b>
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE .....	52
3.2	RECEITAS.....	55
<b>3.2.1</b>	<b>Receita obtida com a venda do pêssego .....</b>	<b>56</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Receita obtida com a venda da ameixa.....</b>	<b>56</b>
3.3	CUSTO DE PRODUÇÃO DA CULTURA PÊSSEGO .....	57
<b>3.3.1</b>	<b>Insumos .....</b>	<b>57</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Mão de obra .....</b>	<b>62</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Custos indiretos de produção .....</b>	<b>64</b>
3.4	CUSTO DE PRODUÇÃO DA CULTURA DA AMEIXA .....	69
<b>3.4.1</b>	<b>Insumos .....</b>	<b>70</b>
<b>3.4.2</b>	<b>Mão de obra .....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.3</b>	<b>Custos indiretos de produção .....</b>	<b>73</b>
3.5	ESTRUTURAÇÃO DO CUSTO TOTAL E UNITÁRIO .....	76
<b>3.5.1</b>	<b>Custeio por Absorção.....</b>	<b>77</b>
<b>3.5.2</b>	<b>Custeio Variável .....</b>	<b>79</b>
3.6	DESPESAS DA SAFRA .....	81
3.7	APURAÇÃO DO RESULTADO ECONÔMICO GERADO .....	81

3.7.1	Custeio por Absorção.....	82
3.7.2	Custeio Variável .....	84
3.8	ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS ECONÔMICOS GERADOS .....	85
3.9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
4	CONCLUSÃO .....	95
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICE A – RATEIO DOS CUSTOS INDIRETOS DE PRODUÇÃO COMUNS DA SAFRA .....	104
	APÊNDICE B – CÁLCULO DA PRODUÇÃO NORMAL .....	105
	APÊNDICE C – CÁLCULO DA RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA PARA UMA PRODUÇÃO NORMAL .....	106
	APÊNDICE D – RESULTADO DO PÊSSEGO PELO CUSTEIO POR ABSORÇÃO CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL .....	107
	APÊNDICE E – RESULTADO DA AMEIXA PELO CUSTEIO ABSORÇÃO CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL .....	108
	APÊNDICE F – RESULTADO DO PÊSSEGO PELO CUSTEIO VARIÁVEL CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL .....	109
	APÊNDICE G – RESULTADO DA AMEIXA PELO CUSTEIO VARIÁVEL CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL .....	110

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Nos últimos anos, a agricultura vem sofrendo grandes transformações impulsionadas pelos avanços tecnológicos e pela ciência. A consequente expansão da capacidade produtiva aliada com a crescente demanda por alimentos fizeram com que a agricultura se desenvolvesse e modernizasse tornando-se dinâmica, competitiva e altamente rentável.

Segundo Reis Neto (2015), gerente de alimentos básicos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o agronegócio brasileiro foi responsável por mais de 37% das exportações nacionais, contra, apenas, 7% das importações no ano de 2014. O país é líder mundial em produção de alimentos, apresentando por sua vez, um forte desempenho na agricultura familiar, que é responsável por parte do abastecimento no mercado interno. Diante disso, fica evidente a relevância do setor na economia nacional, na criação de empregos e geração de renda.

Dentro do sistema de negócios, toda e qualquer atividade econômica está sujeita a riscos. Na atividade rural os riscos assumem proporções maiores pela produtividade estar diretamente condicionada aos fatores climáticos, e preço de venda dos produtos ser definido pelo mercado de oferta e procura. Adaptar-se a essa realidade é uma questão de sobrevivência, assim o empresário rural deve manter-se atualizado e munido de informações que o auxiliem na correta tomada de decisões, a fim de não comprometer o sucesso do negócio.

No entanto, a maioria dos pequenos produtores não conhece a rentabilidade de suas atividades, muito menos seus custos de produção. Desse modo, torna-se necessário que todas as propriedades, independentemente de seu porte e tamanho, conheçam sua estrutura de custos, a fim de apurar os resultados obtidos com a colheita e posterior venda de seus produtos.

Dentro desse contexto, a Contabilidade desempenha papel relevante como ferramenta de suporte à administração. Como exemplo pode-se citar o fornecimento de informações precisas que permitam o gerenciamento, e o controle econômico financeiro rigoroso, transformando as propriedades rurais em empresas com capacidade de acompanhar a evolução do setor e garantindo o sucesso do empreendimento.

A agricultura é um importante segmento da economia nacional, por produzir alimentos e fornecer matéria prima para as indústrias. O gestor rural, assim como os demais, precisa ter grande domínio acerca da atividade econômica que está desenvolvendo, bem como conhecer as condições de mercado a fim de se conseguir resultados positivos no seu negócio.

Não basta apenas o conhecimento e o domínio das técnicas de produção, a necessidade de qualificação para operar nas atividades rurais quanto da utilização de meios de gerenciamento, são nos dias de hoje, quesitos fundamentais para o bom andamento da atividade. O produtor deve acima de tudo exercer a função administrativa, ou seja, planejar e controlar suas atividades garantindo com isso, melhores resultados econômicos e de produtividade.

No entanto, o que se observa é que há muita falta de controle e organização financeira nas propriedades e que a grande maioria não possui nenhum controle de suas atividades. Diante disso torna-se de extrema importância um estudo voltado para a gestão das propriedades rurais, destacando a relevante contribuição da Contabilidade Rural e da Contabilidade de Custos para o controle gerencial das mesmas.

Assim, no aspecto prático, este estudo vai ser útil principalmente para o administrador da propriedade em questão, na qual é o principal beneficiado pela pesquisa. Através da identificação das receitas e do levantamento dos custos será possível apurar o resultado obtido no período analisado, medir os lucros ou prejuízos, bem como, fazer uma avaliação dos mesmos. Poderá servir também, de modelo para a aplicação em outras propriedades rurais bastando apenas que os gestores adaptem à realidade de suas propriedades.

Já no aspecto teórico, poderá ser útil para futuros estudos, bem como servir de fonte de pesquisa e referência a outros alunos do meio acadêmico, que se interessar sobre o assunto ou até mesmo buscar material para a realização de novas pesquisas. Pelo fato de a Contabilidade Rural ser um tema ainda pouco explorado por pesquisadores e estudiosos, certamente, há muito que se desenvolver nessa área de estudo. Espera-se que este trabalho contribua como orientação aos produtores rurais na gestão de suas propriedades, garantido assim, sua permanência no campo.

## 1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

A Contabilidade é uma das ciências mais antigas utilizada inicialmente apenas para registros simples e fins fiscais. Entretanto, nos últimos anos vem desempenhando papel fundamental para o crescimento e desenvolvimento das empresas, servindo de instrumento gerencial.

Conforme Ludícibus, Martins e Gelbcke (2007), a Contabilidade é um sistema de informação que tem como objetivo, fornecer demonstrações e informações de natureza econômica, financeira, física e de produtividade a seus usuários, em relação à entidade objeto de contabilização. Deve fornecer ainda, o máximo de informações que serão úteis acerca das decisões a serem tomadas dentro e fora da empresa (MARION, 2008).

Dentre seus diversos ramos de atuação, a Contabilidade de Custos vem sendo muito utilizada pelos administradores fornecendo dados e informações precisas que os auxiliem no desenvolvimento de suas funções.

Para Bruni e Famá (2008), a Contabilidade de Custos é vista como um processo organizado de registrar os custos envolvidos com a operação de um negócio aplicando-se os conceitos da Contabilidade Geral. Segundo Crepaldi (2010), a Contabilidade de Custos é um instrumento utilizado para identificar e medir os custos dos produtos e/ou serviços, gerando informações precisas para os gestores auxiliando na tomada de decisões.

A atividade rural, pelo seu dinamismo e pelo grande volume financeiro de suas operações, deve estar inserida na realidade de empresa, necessitando de controles que permitam apurar o verdadeiro custo de produção dos produtos e, por conseguinte, os resultados econômicos obtidos em cada cultura. Martins (2010) comenta que, devido ao aparecimento de novas formas de se usar a Contabilidade de Custos, ocorreu também sua aplicação em outras áreas e instituições, que não somente o industrial. Assim é possível aplicar a Contabilidade de Custos nos mais diversos setores econômicos, bem como nas empresas rurais, a fim de se obter maiores controles e resultados econômicos que satisfaçam o produtor rural.

Nos últimos anos a agricultura vem sofrendo diversas transformações sociais e econômicas impulsionadas pela ciência e pelos avanços tecnológicos, tornando necessário o uso de técnicas de produção mais modernas e aprimoradas o que resulta em um aumento na produtividade e geração de renda. Assim, a

agricultura passou de uma atividade de subsistência para uma atividade econômica muito rentável alcançando posição de destaque na economia mundial.

Diante do atual cenário econômico, onde a concorrência está cada vez maior se faz necessário o uso de ferramentas gerenciais que auxiliem o gestor no controle de suas atividades. Na agricultura não é diferente, o gestor precisa ter um conhecimento aprofundado sobre o seu negócio, assim como conhecer as condições de mercado a fim de se obter resultados positivos e conduzir de maneira correta a sua propriedade. Não basta apenas produzir é preciso desempenhar a função de administrar financeiramente seu empreendimento, a fim de se obter maior lucro.

O autor se motivou na escolha do tema pelo fato de residir e trabalhar com os pais na propriedade rural em questão e a mesma não possuir nenhum controle de custos e apuração de resultados. Diante disso, surge a necessidade de se fazer um estudo na qual se consiga identificar todos os custos de produção das culturas da propriedade, bem como analisar o resultado econômico gerado na venda das mesmas. Dessa maneira, o estudo vai servir de auxílio para os gestores para futuras tomadas de decisões, bem como saber realmente quais foram os resultados obtidos pela colheita de seus produtos durante a safra 2014/2015. Outro motivo foi o fato de ver a Contabilidade de Custos como uma das disciplinas mais importantes do curso também pela afinidade pelo assunto, percebida pelo autor ao longo de sua graduação.

Com base na delimitação do tema de pesquisa proposto, a questão de pesquisa para o estudo é: Qual o resultado econômico gerado na venda de pêssego e ameixa em uma propriedade rural de Antônio Prado - RS durante a safra 2014/2015?

### 1.3 HIPÓTESES OU PROPOSIÇÕES

A partir da pesquisa o autor pressupõe que a atividade rural, devido as grandes operações desenvolvidas, apresenta boa taxa de rentabilidade, satisfazendo as expectativas de lucro para o produtor rural.

A falta de controles de custos nas propriedades pode fazer com que, pelo desconhecimento dos mesmos, os produtores estejam vendendo seus produtos a preços muito abaixo do ideal, trabalhando muitas vezes com margens negativas.

Entretanto, o contrário também é verdadeiro, podendo apresentar lucros superiores às expectativas do produtor rural.

## 1.4 OBJETIVOS

### 1.4.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é analisar o resultado econômico gerado pelas culturas de pêssigo e ameixa em uma propriedade rural de Antônio Prado – RS, durante a safra 2014/2015.

### 1.4.2 Objetivos específicos

- Apresentar os conceitos referentes ao tema em estudo e suas contribuições;
- Apresentar um panorama da agricultura no Brasil;
- Contextualizar a propriedade rural em estudo;
- Identificar as receitas provenientes com a venda das culturas em estudo;
- Apurar os custos de produção das culturas de pêssigo e ameixa na safra 2014/2015;
- Analisar o resultado econômico gerado pela venda dessas culturas.

## 1.5 METODOLOGIA

Para Gil (2010) pesquisa é um procedimento organizado e racional com o objetivo de responder os problemas propostos inicialmente, mediante conhecimentos existentes, métodos e técnicas de exploração científica.

Quanto aos procedimentos técnicos o presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso. Para Gil (2010) estudo de caso consiste em um estudo aprofundado sobre um objeto permitindo seu vasto e detalhado conhecimento. Cervo e Bervian (2002) definem estudo de caso como uma pesquisa sobre um determinado grupo representativo, na qual são investigados aspectos diversos de sua vida.

Já para Yin (2010) estudo de caso é definido como a investigação de um fenômeno no contexto de vida real na qual o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quer compreender fenômenos sociais mais complexos. Acrescenta que essa modalidade de pesquisa é utilizada principalmente para o conhecimento dos fenômenos individuais, sociais, organizacionais além de outros fenômenos relacionados. Beuren (2006) acrescenta que este estudo é utilizado quando o pesquisador quer conhecer mais aprofundado a respeito de um caso específico.

Segundo Fachin (2003, p. 44) “um estudo é uma descrição analítica de um evento ou de uma situação *in loco*. Se bem apreciado, atinge a expressão máxima, sendo de grande valia”. O autor comenta que o método de estudo de caso considera o entendimento do assunto investigado como um todo, caracterizando-o como um estudo intensivo na qual é obtido uma descrição e entendimento das relações dos fatores em cada caso.

Ainda, em relação aos procedimentos técnicos esta pesquisa também possui características de pesquisa documental, que segundo Fachin (2003) compreende toda espécie de informações, seja oral, visual ou escrita. A pesquisa documental utiliza-se da consulta de materiais e documentos internos à organização como é o caso dos documentos institucionais, pessoais e jurídicos, registros estatísticos, entre outros (GIL, 2010). Beuren (2006) acrescenta que por meio da pesquisa documental é possível organizar informações que se encontram dispersas sendo de grande valia como fonte de consulta.

Quanto aos objetivos da pesquisa será utilizado o método descritivo, que segundo Gil (2010), descreve as características de uma determinada população e sua relação com possíveis variáveis. Andrade e Martins (2010, p.112) descrevem que “nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”. Segundo o mesmo autor, os fatos são apenas estudados através da observação sistemática e questionários, fazendo parte desse tipo de pesquisa àquelas desenvolvidas nas Ciências Humanas e Sociais.

Cervo, Bervian e Silva (2007) acrescentam que a pesquisa descritiva trabalha com os fatos e dados da realidade na qual precisam ser coletados e registrados de maneira ordenada para seu estudo e análise. Ainda, descrevem como

característica desse método a coleta de dados por meio da observação, entrevistas, questionários e formulários.

Quanto aos procedimentos para a abordagem do problema, a pesquisa classifica-se como qualitativa, que, segundo Richardson (1999) é aquela que descreve situações complexas ou particulares de certo problema, bem como a interação de variáveis, além de compreender os processos vividos pelos grupos sociais e suas particularidades. Para Beuren (2006) trata de análises mais aprofundadas em relação ao que se está estudando e visa destacar características não apresentadas pela abordagem quantitativa.

Para Lakatos e Marconi (2011) a abordagem qualitativa analisa e interpreta enfoques mais profundos do comportamento humano fornecendo, detalhadamente, análise das investigações, hábitos, tendências, atitudes, comportamentos, entre outros. Bauer e Gaskell (2008) complementam o exposto ao afirmar que tratam-se de interpretações das realidades sociais, evitando números.

Inicialmente será feita uma revisão bibliográfica acerca do tema em livros, revistas, artigos e outras fontes de pesquisa. Também foi apresentado o setor agrícola no Brasil bem como um panorama da produção de pêssego e ameixa no Brasil e no mundo.

Após, foi feita uma contextualização da propriedade rural em estudo, assim como, um levantamento de dados da propriedade por meio de entrevistas com o proprietário e das informações constantes em notas fiscais e anotações pessoais do produtor. Assim, foram identificadas as receitas provenientes da venda das culturas de pêssego e ameixa, bem como os custos de produção dessas culturas.

De posse dos dados, foram construídas as planilhas eletrônicas para a apuração dos custos de cada cultura e os resultados individuais e totais obtidos com a safra e por fim, fez-se uma análise do resultado econômico gerado por essas culturas.

## 1.6 ESTRUTURA DO ESTUDO

No primeiro capítulo é apresentada uma breve contextualização do tema, bem como os objetivos gerais e específicos, a questão de pesquisa, a metodologia utilizada e a estrutura do estudo.

No segundo capítulo é apresentada a revisão bibliográfica relacionado ao tema de pesquisa, ou seja, a Contabilidade de Custos, na qual, foi evidenciado os conceitos, teorias e diversos aspectos que devem ser considerados na apuração dos custos na atividade rural.

No terceiro capítulo é apresentado o estudo de caso. Nele, descreve-se a propriedade rural em estudo e uma breve contextualização da mesma, assim como demais aspectos e características relevantes. Após, se desenvolveu os cálculos dos custos de produção das culturas de pêsego e ameixa produzidas na propriedade, bem como a análise dos resultados econômicos gerados pelas mesmas.

Ao final, no quarto capítulo, apresenta-se a conclusão do estudo com os resultados encontrados na pesquisa. Neste capítulo pretendeu-se atingir o objetivo principal da pesquisa, isto é, analisou-se o resultado econômico gerado pelas culturas de pêsego e ameixa em uma propriedade rural de Antônio Prado - RS durante a safra 2014/2015.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CONTABILIDADE**

#### **2.1.1 Breve Histórico**

De acordo com Padoveze (2009, p. 15) “em termos históricos, registros indicam que a Ciência Contábil praticamente surgiu com o advento da civilização”. Segundo Ludícibus (2010), existem sinais do uso rudimentar da Contabilidade, como a existência de contas, há aproximadamente 2000 a.C, podendo existir vestígios ainda mais antigos.

Destaca ainda, o uso da Contabilidade rudimentar pelo homem primitivo, na contagem de seus rebanhos e instrumentos de caça e pesca, também, pela troca simples de produtos e mercadorias, na qual eram feitas anotações dos bens, direitos e obrigações para com terceiros, sem avaliação em termos monetários. A partir do momento que as atividades foram se desenvolvendo, o homem da antiguidade sentiu a necessidade de aprimorar seu instrumento de avaliação e controle do patrimônio.

Padoveze (2009) explica que a era comercial da civilização foi um marco importante da Ciência Contábil mostrando sua relevância como ciência para humanidade, sendo indispensável na regulamentação das relações sociais. Já Ludícibus (2010) ressalta que o desenvolvimento das teorias e práticas contábil está intimamente ligado ao grau de desenvolvimento social e cultural da sociedade. Assim, o desenvolvimento da Contabilidade se deu nas cidades italianas de Veneza, Gênova, Florença e outras, no período em que fervilhavam as atividades mercantil, econômica e cultural da Europa, especialmente no século XIII até o início do século XVII.

#### **2.1.2 Conceito**

A Contabilidade é uma ciência social aplicada que engloba vários conhecimentos ordenados e permite o estudo, registro e controle do patrimônio de uma pessoa física ou jurídica com o objetivo de munir seus usuários com dados,

informações e demonstrativos sobre o resultado apurado, para fins de tomada de decisão (COELHO; LINS, 2010).

Segundo Favero *et al.* (2011), a Contabilidade permite registrar, analisar e interpretar as movimentações que ocorre com o patrimônio de uma empresa ou de pessoa física, apresentando os resultados aos usuários de forma ordenada e resumida por meio de relatórios contábeis.

### **2.1.3 Objetivos**

A Contabilidade se desenvolveu para atender às demandas da sociedade, tendo como objetivo principal gerar informações úteis para o controle e a tomada de decisão. Também, deve ser capaz de gerar relatórios que atenda às necessidades de seus usuários de maneira a facilitar suas decisões (FAVERO *et al.*, 2011).

Segundo Ludícibus (2010, p. 7):

O sistema contábil deveria ser capaz de produzir, em intervalos regulares de tempo, um conjunto básico e padronizado de informações que deveria ser útil para um bom número de usuários, sem esgotar as necessidades destes, mas resolvendo-lhes as mais prementes.

Ludícibus, Martins e Gelbcke (2007) descrevem a Contabilidade como um sistema de informação que tem por objetivo, fornecer demonstrações e informações de natureza econômica, financeira, física e de produtividade a seus usuários, em relação à entidade objeto de contabilização.

### **2.1.4 Aplicação e usuários da Contabilidade**

O campo de aplicação da Contabilidade contempla todas as entidades econômicas administrativas que fazem uso dessa ferramenta para o controle de seu patrimônio, como proprietários, administradores, acionista, bancos, clientes, fornecedores, até mesmo as entidades de direito público como a União, os Estados, os municípios, entre outros (RIBEIRO, 2010).

Segundo Eckert (2011), a Contabilidade pode ser aplicada a todas as sociedades, inclusive as sem fins lucrativos, também, não é restrita somente a grandes empresas. A Contabilidade pode ser estudada de modo geral, para todas as

empresas, ou ainda, aplicada de modo particular aos diferentes ramos de atividade econômica. Dessa forma, pode-se citar como ramos da Contabilidade, a Contabilidade Pública, Contabilidade Industrial, Contabilidade Hospitalar, Contabilidade de Custos, Contabilidade Rural, Auditoria, entre outros.

De acordo com Leone (2000) a Contabilidade de Custos é uma ramificação da ciência contábil que atua nos mais diversos setores da organização e variados tipos de empresas e deve atender a sua função financeira de organização, análise e interpretação dos custos dos produtos, o controle das operações e auxílio aos administradores no planejamento e tomada de decisões.

## 2.2 CONTABILIDADE DE CUSTOS

### 2.2.1 Conceito e finalidade

A Contabilidade de Custos surgiu da Contabilidade Geral e se expandiu no período da Revolução Industrial, com o surgimento das máquinas e da produção em grande escala. Surgiu pela necessidade do controle dos estoques nas indústrias e o planejamento da produção (CREPALDI, 2010).

Segundo Santos (2011) a Contabilidade de Custos ganhou importância desde o início do Capitalismo, servindo como instrumento de controle das variações dos custos e das vendas, também como, avaliação do negócio.

Contabilidade de Custos “é uma técnica utilizada para identificar, mensurar e informar os custos dos produtos e/ou serviços” (CREPALDI, 2010, p. 2). Para Bruni e Famá (2008) é um processo organizado de registro dos custos operacionais de um negócio. Suas finalidades básicas podem ser descritas como controle das operações, definição do lucro e a tomada de decisão.

Conforme Padoveze (2003) a Contabilidade de Custos tem evoluído bastante teoricamente, ao longo dos anos, tornando-se um instrumento muito utilizado na gestão empresarial. O autor destaca ainda, diferentes áreas de atuação da Contabilidade de Custos como sendo, o custo contábil e o custo gerencial. A primeira caracteriza-se por atender as finalidades legais e fiscais, já a segunda área, é voltado para gestão econômica dando suporte na tomada de decisão.

Com a crescente complexidade do ambiente empresarial e a competitividade dos mercados, a Contabilidade de Custos vem se tornando cada vez mais

importante no setor gerencial da empresa, passando de mera avaliação de estoques e apuração de resultados, para ser utilizada no planejamento, no controle e na tomada de decisões (MARTINS, 2010).

De acordo com Bornia (2010) o ambiente de competitividade empresarial está em constante mudança, isso faz com que as empresas necessitem de um maior número de informações e que estas, sejam adequadas à realidade e atendam a demanda das empresas por informação de qualidade. Desse modo, a Contabilidade de Custos vem se aprimorando constantemente, no que diz respeito, a seu uso gerencial.

Ainda, em relação à qualidade das informações prestadas pelo sistema de Custos, Cohen e Kaimenaki (2011) apontam que esses sistemas trazem informações detalhadas e relatórios precisos, confiáveis e rigor da informação para fins de tomada de decisão. O estudo indica também, que os gestores reconhecem a importância prestada por esses sistemas durante o processo decisório.

## **2.2.2 Terminologias de Custos**

### **2.2.2.1 Desembolso**

Para Dubois, Kulpa e Souza (2009), desembolso é todo valor pago pela empresa resultante da compra de um produto ou serviço, podendo ocorrer antes, durante ou depois à entrada na empresa. Biasio (2012) complementa que o desembolso representa uma saída de dinheiro da empresa.

Para Bruni e Famá (2008) esse pagamento independe de quando o produto foi ou será consumido. Ressalta ainda, que a Contabilidade registra os fatos de acordo com o Regime de Competência, ou seja, no momento em que ocorreu independentemente de seu pagamento, portanto, não se pode confundir despesa com desembolso.

### **2.2.2.2 Gasto**

Dubois, Kulpa e Souza (2009) conceituam gasto como um desembolso para a empresa, gerado pela aquisição de bem ou serviço, sendo representado, normalmente, pelo pagamento do mesmo.

Biasio (2012) acrescenta que o gasto se concretiza na passagem do bem ou serviço para a posse da empresa, que acontece no momento do reconhecimento contábil da dívida ou da redução do ativo para pagamento.

Segundo Martins (2010) gasto é um conceito muito amplo sendo aplicado a todos os bens e serviços obtidos, assim, temos como exemplos gastos com a compra de matéria prima, gastos com mão-de-obra, gastos com honorários, entre outros.

#### 2.2.2.3 Investimento

Biasio (2012) define investimento como gastos ativados que devem trazer benefícios futuros para a empresa. São mantidos nos ativos da empresa para seu consumo, baixa no momento da venda, extravio ou desvalorização.

Martins (2010) comenta que esses gastos podem ser de diversas naturezas e ativação em períodos diferentes, cita como exemplos de investimentos, a matéria prima, as máquinas e aquisição de ações em outras empresas.

Do ponto de vista da empresa, os investimentos devem proporcionar retorno financeiro para a instituição. Dessa forma, o valor que foi investido inicialmente deverá retornar para a empresa, em algum período de tempo (DUBOIS, KULPA E SOUZA, 2009).

#### 2.2.2.4 Custos

Segundo Dubois, Kulpa e Souza (2009), custo é todo gasto realizado na produção de um bem ou serviço e ocorre somente na atividade produtiva da empresa. Os gastos, serão classificados como custos, se estão relacionados com a produção de um bem ou serviço.

Para Crepaldi (2010) o custo representa todos os itens necessários à produção de novos bens ou serviços, sendo reconhecido como tal, no momento da fabricação dos produtos ou realização do serviço.

Perez Júnior, Oliveira e Costa (2012) comentam que não existem despesas de produção, uma vez que, todos os gastos do processo produtivo são custos. Ainda cita como exemplos a matéria prima consumida no processo, mão de obra da produção, depreciação, energia elétrica, entre outros.

Na atividade agrícola os custos estão ligados à atividade de produção como é o caso dos salários, insumos do processo produtivo, combustível e manutenção das máquinas agrícolas (CREPALDI, 2012).

#### 2.2.2.5 Despesas

Segundo Silva e Lins (2013) despesas são bens ou serviços consumidos, de forma direta ou indireta, para a obtenção de receitas, não estando relacionada com o processo de produção. Para Martins (2010) as despesas representam redução no patrimônio líquido da empresa.

Dubois, Kulpa e Souza (2009) destaque que as despesas são reconhecidas apenas no momento de seu uso definindo-as como gastos que a empresa arca, para a manutenção da estrutura organizacional. Ainda, Bruni e Famá (2008) associam as despesas com gastos administrativo, comerciais e financeiros.

#### 2.2.2.6 Perda

Wernke (2004) trata perdas como anormalidades no processo operacional da empresa ocorridas em situações atípicas. Crepaldi (2010) acrescenta serem gastos indesejados, decorrentes de fatores externos, imprevistos ou da produção normal da empresa.

Segundo Silva e Lins (2013), as perdas podem ser normais e anormais. A primeira é tratada como custo do produto por estar ligada ao processo produtivo, como é o caso das sobras no processo e rebarbas. Ainda, podem ser anormais, sendo classificadas como despesas do período. Perez Júnior, Oliveira e Costa (2012) citam como perdas anormais, greves, inundações, sinistros, problemas com equipamentos, vazamentos, entre outros imprevistos.

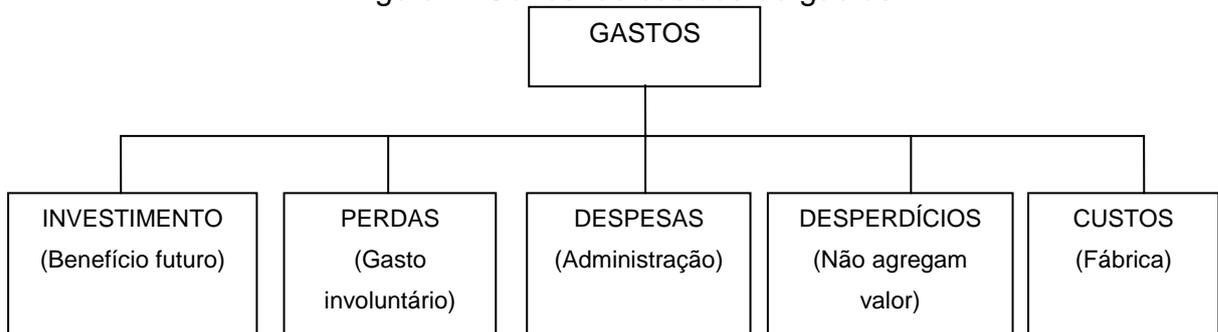
#### 2.2.2.7 Desperdício

Conforme Wernke (2004) são custos e despesas utilizadas de forma ineficiente, não acrescentam valor e consomem tempo, recursos e custos desnecessários aos produtos. Assim, constituem exemplos de desperdício os produtos com defeitos, inspeção, ociosidade, entre outros.

Silva e Lins (2013) ressaltam que esses gastos podem ser eliminados sem acarretar prejuízos aos produtos, e que essa é uma das buscas contínuas pelas empresas. Ressalta ainda, que os desperdícios afetam o processo produtivo da empresa, tornando-os mais onerosos.

Wernke (2004) apresenta os conceitos relacionados anteriormente, juntamente com sua principal característica, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Conceitos básicos de gastos



Fonte: Wernke (2004, p. 12).

Dubois, Kulpa e Souza (2009), complementam o exposto afirmando que os gastos compõem uma “família”, devido a sua grande abrangência, classificando-se de diversos elementos fundamentais como custo, despesa, investimento, perda e desperdício.

### 2.2.3 Classificação dos Custos

#### 2.2.3.1 Custos Diretos

Segundo Crepaldi (2010) custos diretos são aqueles que podem ser apropriados de maneira direta aos produtos e variam conforme a quantidade produzida.

Martins (2010) comenta que para os custos serem apropriados dessa forma, é preciso ter como medir seu consumo durante a fabricação, podendo ser, quilogramas de consumo de materiais, embalagens utilizadas, tempo de mão de obra utilizada, entre outras.

Dubois, Kulpa e Souza (2009) exemplificam custos diretos pela forma de medição aos produtos, como é o caso da matéria prima a ser utilizada no processo

de fabricação do produto, que pode ser quantificada. A mão de obra direta é medida pelo tempo utilizado por funcionário na elaboração de um produto, e compreende todos os valores pagos aos funcionários da fábrica.

Crepaldi (2012) define esses custos como àqueles ligados aos produtos agrícolas quando há uma medida objetiva do seu consumo como, por exemplo, os insumos, mão de obra direta e material de embalagem.

#### 2.2.3.2 Custos Indiretos

Para Perez Júnior, Oliveira e Costa (2012) são os custos que não são identificáveis aos produtos ou serviços de maneira direta, necessitando a utilização de um critério de rateio para sua distribuição. O autor traz como exemplo, os custos com mão de obra indireta, materiais indiretos e outros custos indiretos como depreciação e manutenção de máquinas, seguros, entre outros.

Padoveze (2003) caracteriza os custos indiretos, como sendo genéricos e não específicos, se relacionando aos produtos finais de forma indireta. Biasio (2012) acrescenta que esses custos são necessários para que as empresas operem, mas, por possuírem natureza muito ampla, fica difícil sua separação direta ao produto.

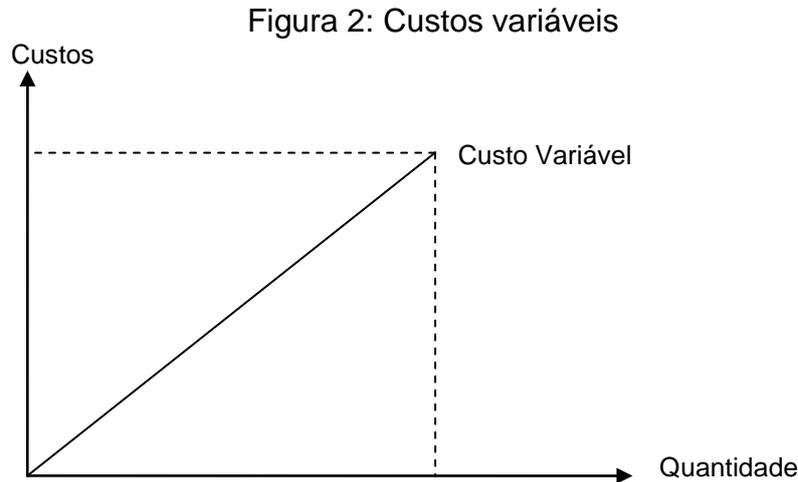
Bornia (2010) ressalta que a alocação dos custos indiretos é uma problemática, devido a sua complexidade e a grande variedade de critérios utilizados. Nas empresas modernas, é um fator relevante, já que essas distribuições causam problemas e deficiências do sistema de custos.

#### 2.2.3.3 Custos Variáveis

Para Wernke (2004) os custos variáveis são aqueles que possuem relação com o volume de produção da empresa, tendo seu crescimento atrelado ao nível de atividade da empresa. Perez Júnior, Oliveira e Costa (2012) complementam que seu valor é contínuo, permanecendo igual para cada unidade, independentemente da quantidade produzida.

Bruni e Famá (2008) comentam que os custos variáveis serão maiores, quanto maior for a produção do período, como exemplo utiliza a matéria prima e as embalagens em que seu consumo aumenta na medida em que a produção aumenta.

Megliorini (2012) ressalta que, pelo fato de os custos variáveis oscilarem devido ao nível de produção, espera-se que cada unidade produzida tenha o mesmo custo unitário. A representação gráfica dos custos variáveis, segundo o mesmo autor, é evidenciada na Figura 2.



Fonte: Megliorini (2012, p. 11).

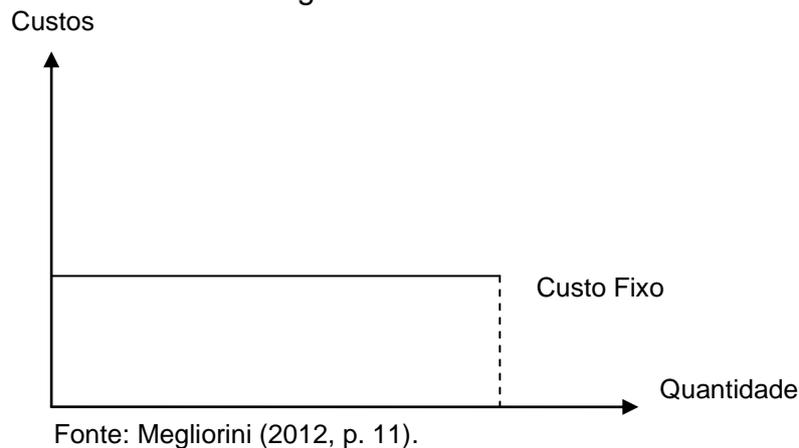
Crepaldi (2012) exemplifica custos variáveis na atividade rural como insumos e embalagens, uma vez que estes custos são proporcionais ao volume da produção agrícola. Dessa forma, se nada for produzido não haverá custo variável.

#### 2.2.3.4 Custos Fixos

Segundo Padoveze (2003) custos fixos são aqueles cujo valor não se altera com o volume de produção e venda. Bruni e Famá (2008) acrescentam que esses gastos não sofrem variações de seus totais, existindo mesmo que a empresa não esteja produzindo.

Esses custos se relacionam com a capacidade instalada da empresa, e são resultantes da manutenção de sua estrutura operacional, independentemente do volume de produção. Cita-se como exemplos dessa prática, o aluguel e depreciação através do método linear (MEGLIORINI, 2012). A representação gráfica do comportamento dos custos fixos, segundo o mesmo autor, é apresentada na Figura 3.

Figura 3: Custos Fixos



Crepaldi (2012) exemplifica os custos fixos na atividade rural como sendo o aluguel de pastos, Imposto Territorial Rural, prêmio de seguros e a depreciação linear das máquinas e equipamentos agrícolas. O autor comenta ainda, que esses custos podem variar de valor no decorrer do tempo, mas não deixam de ser classificados como custos fixos por permanecerem inalterados para qualquer volume de produção.

#### 2.2.4 Métodos de Custeio

Crepaldi (2010) define método de custeio como a técnica usada para a apropriação dos custos. A aplicação desses métodos deve levar em consideração o tipo de empresa, características das atividades desenvolvidas por elas, bem como a relação custo-benefício proporcionado pelos mesmos.

Segundo Dubois, Kulpa e Souza (2009) os métodos de custeio têm por objetivo a determinação do custo unitário dos produtos, partindo-se da distribuição dos gastos da organização para cada produto ou serviço fabricado. Embora a sistemática utilizada em cada método seja diferente, o objetivo final de todos eles é o mesmo. Abaixo são elencados os métodos de custeio mais relevantes.

##### 2.2.4.1 Custeio por Absorção

Segundo Megliorini (2012) o método de custeio por absorção caracteriza-se por alocar todos os custos do período aos produtos, sejam eles fixos ou variáveis.

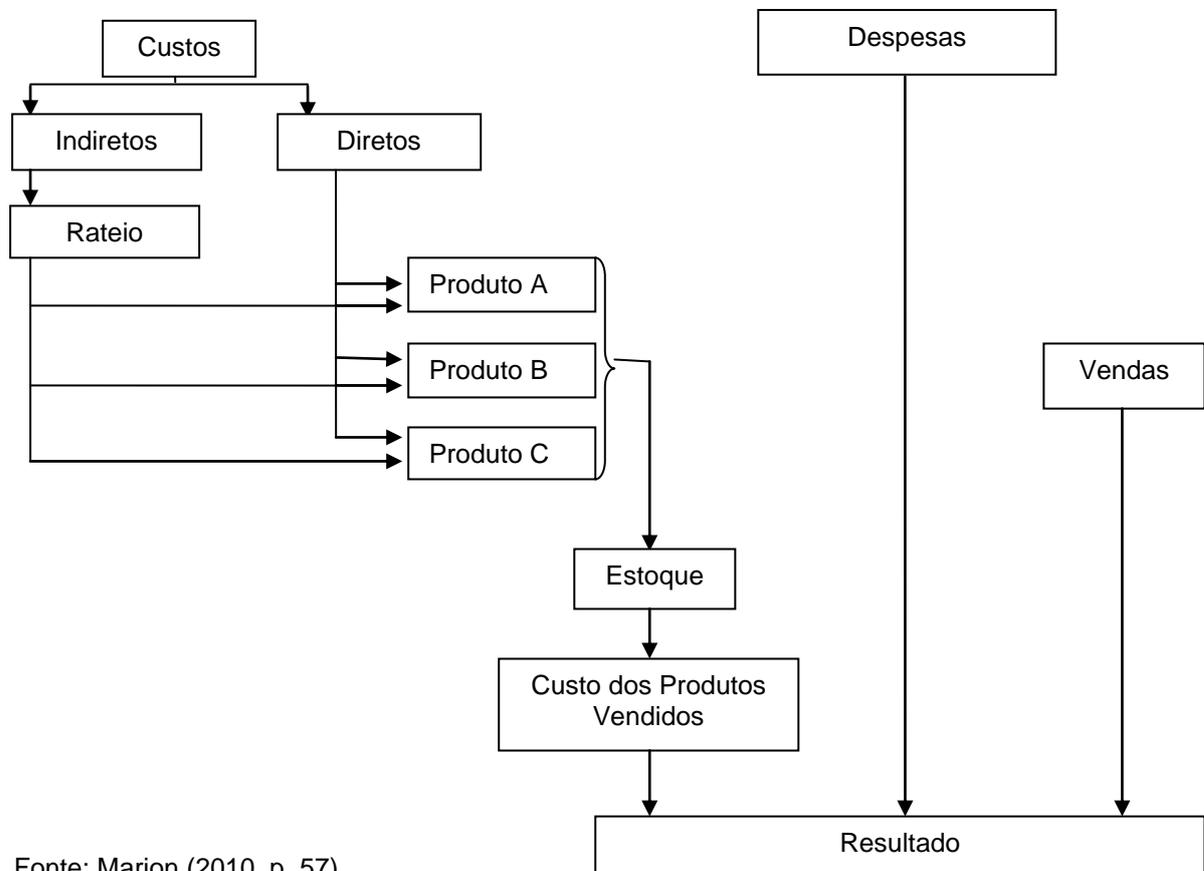
Crepaldi (2010) acrescenta que é o método aceito pela legislação comercial e fiscal, por atender aos princípios fundamentais de Contabilidade.

Santos (2011) comenta que por atender a exigências da Contabilidade Societária, esse método é básico para avaliação dos estoques, levantamento de Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultados.

Martins (2010) explica esse método em etapas, sendo que, no primeiro momento deve ser feita a separação dos gastos em custos ou despesas. As despesas, por não fazerem parte do custo de produção, não são distribuídas aos produtos, indo diretamente para o resultado do exercício.

Ainda, para o mesmo autor, o segundo passo é a identificação dos custos diretos, distribuindo esses custos aos produtos. Logo após, é feita a apropriação dos custos indiretos aos produtos, através de uma base de rateio. Esses custos somente irão para o resultado do exercício no momento de sua venda, na qual são denominados custos dos produtos vendidos evidenciado na Figura 4.

Figura 4. Custeio por Absorção



Fonte: Marion (2010, p. 57).

Wernke (2004) ressalta como ponto positivo desse método, a apuração do custo unitário total de cada produto, uma vez que esse sistema de custeio engloba todos os custos de produção. Já Ferreira (2007) cita como vantagem para os gestores a recuperação de todos os custos incorridos, no momento da formação do preço de venda e o lucro unitário como parâmetro de análise.

Silva (2011), por sua vez, comenta que esse sistema de alocação é incompleto como instrumento gerencial, por utilizar-se de critérios de rateios, que podem distorcer os custos dos produtos e possíveis análises. Wernke (2004) complementa ao afirmar que os critérios de rateios, por nem sempre serem objetivos acabam penalizando alguns produtos e beneficiando outros, além de distorcer os resultados.

#### 2.2.4.2 Custeio Variável

Segundo Martins (2010) no custeio variável são apropriados aos produtos, somente os custos variáveis, os custos fixos são tratados como despesas do período devendo ir diretamente para o resultado do exercício.

Para Beulke e Bertó (2005) esse método de custeio parte da premissa que um produto ou serviço só é responsável pelo custo e despesa variável gerada, já os custos e despesas fixas estão ligados a um período de tempo, constituindo custos de estrutura, dessa forma não são apropriados aos produtos.

Esse método de custeio não é aceito para elaboração de Demonstrações Contábeis como o Balanço e a Demonstração de Resultados, pois está ferindo os Princípios Contábeis da Competência e da Confrontação. No entanto, nada impede que esse método seja utilizado pelas empresas, para efeito interno (MARTINS, 2010).

Segundo Wernke (2004) esse sistema prioriza o aspecto gerencial, por desconsiderar os custos fixos como custo dos produtos, permitindo apurar um custo mais “real”, livre da arbitrariedade causada pelo uso de bases de rateios. Martins (2010) complementa que o custeio variável proporciona informações essenciais à empresa, auxiliando a administração sob o ponto de vista decisório.

Ferreira (2007) acrescenta que esse método apresenta o conceito de margem de contribuição e a análise do ponto de equilíbrio, que são instrumentos importantes no processo de tomada de decisão, de negociação com a administração

e na avaliação de novas estratégias da empresa. A análise de custo-volume-lucro relaciona-se ao custeio variável e determina a influência no lucro provocada pelas mudanças nos custos e nas quantidades vendidas (BORNIA, 2010).

Bruni e Famá (2008) citam como uma das vantagens desse método o fato de o resultado não sofrer distorções caso ocorram aumentos na produção que não correspondam a aumento nas vendas. Porém, os autores citam como desvantagem a dificuldade na separação da parcela fixa e variável, caso existam custos mistos.

#### 2.2.4.2.1 Margem de Contribuição

No custeio variável, utiliza-se o conceito de margem de contribuição que é resultante da dedução da soma de todos os custos e despesas variáveis, da receita obtida com as vendas. Sua finalidade é cobrir as despesas fixas e compor o lucro final (CREPALDI, 2010).

Ainda, Martins (2010) destaca que a margem de contribuição é o valor que cada unidade de produto traz efetivamente para a empresa, tornando mais visível a potencialidade de cada produto.

Perez Júnior, Oliveira e Costa (2012) abordam o conceito de margem de contribuição unitária e total. A margem de contribuição unitária é obtida pela diferença entre o preço de venda e o somatório dos custos e despesa variável. Já a margem de contribuição total é a multiplicação da margem unitária pelas quantidades vendidas.

Assim, segundo os mesmos autores, tem-se a seguinte fórmula para o cálculo da margem de contribuição unitária:

$$MC = PV - (CV + DV)$$

Onde:

MC = Margem de Contribuição

PV = Preço de Venda

CV = Soma dos custos variáveis

DV = Soma das despesas Variáveis

Dubois, Kulpa e Souza (2009) destacam que é possível, com o conhecimento da margem de contribuição, identificar o produto que está gerando mais lucro, desenvolver novos produtos ou linhas de produtos, decidir acerca de fabricar ou terceirizar, entre outras possibilidades.

Segundo Ferreira (2007) é possível, por meio da margem de contribuição, analisar se é viável a produção de determinado produto. Também, é possível relacionar os conceitos de custos, volume, preços e lucros permitindo aos gestores, tomarem decisões mais corretas em relação aos preços.

#### 2.2.4.3 Custeio Baseado em Atividades (ABC)

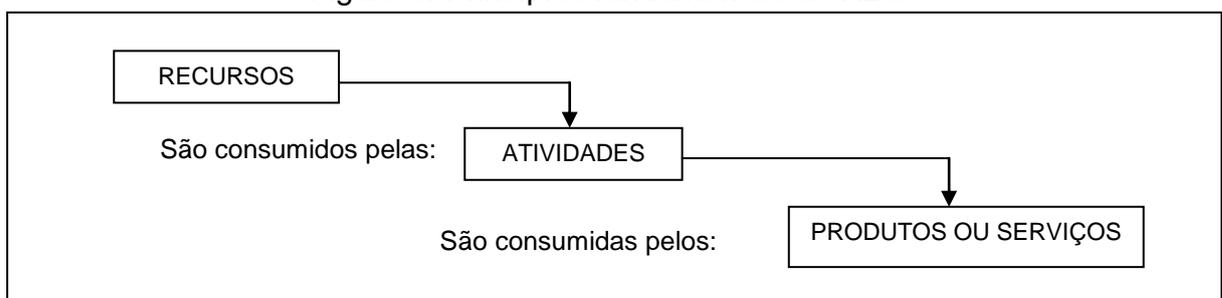
O grande problema dos sistemas de custeio está relacionado com a alocação dos custos indiretos aos produtos e a busca de um método que represente da melhor forma essa apropriação. Com o uso cada vez maior de custos indiretos, os atuais métodos utilizados tornaram-se defasados por não considerar critérios de acordo com as características individuais das empresas (SILVA, 2011).

Segundo Wernke (2004) o custeio baseado em atividades surgiu por volta dos anos 80 nos Estados Unidos, sendo desenvolvido por Kaplan e Cooper com o objetivo de melhorar a apropriação dos custos e despesas fixas aos produtos.

Crepaldi (2010) define o custeio por atividade como um método que identifica todos os custos de uma operação agindo como um direcionador de custos, assim, são alocados os custos indiretos aos produtos pela quantidade de transações geradas ou consumidas pelos produtos.

Dubois, Kulpa e Silva (2009), ressaltam que por meio desse método é demonstrada a relação existente entre os recursos que foram gastos, as atividades realizadas e sua relação com os produtos e serviços, que são os objetos de custos. Dessa forma, quem consome os recursos não são os produtos, e sim as atividades, conforme demonstrado na Figura 5.

Figura 5: Princípios fundamentais do ABC

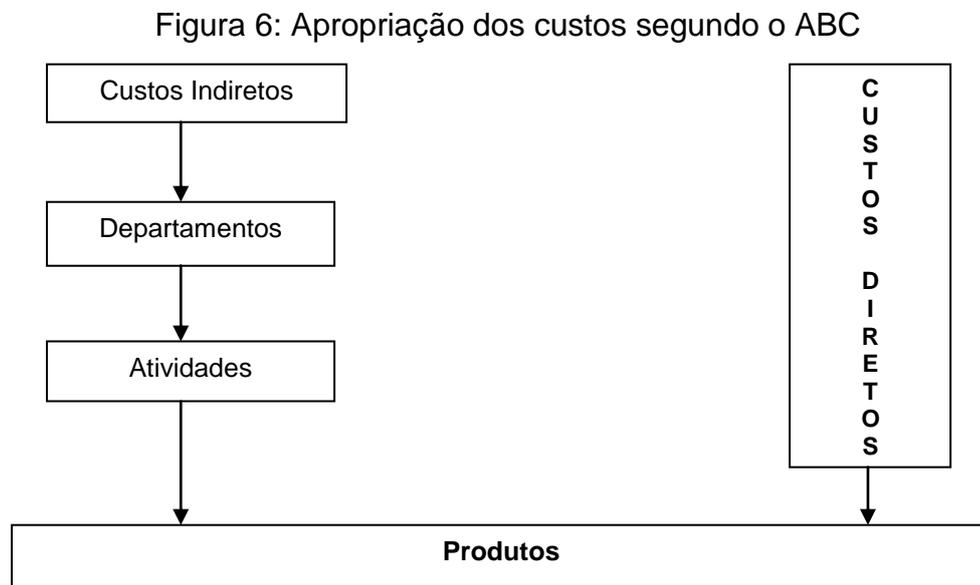


Fonte: Dubois, Kulpa e Souza (2009, p. 155).

Conforme Martins (2010), o método ABC caracteriza-se por tentar reduzir as distorções causadas pelo rateio dos custos indiretos aos produtos. Este método consiste no levantamento das atividades relevantes, dos departamentos da empresa e também, dos direcionadores de custos que irão alocar os custos às atividades.

Crepaldi (2010) conceitua direcionadores de custo, como sendo as variáveis determinantes dos custos das atividades. Identificados esses direcionadores, atribui-se aos produtos os custos consumidos em cada atividade, permitindo uma distribuição mais correta dos mesmos.

Santos (2011) esquematiza a apropriação dos custos aos produtos conforme a Figura 6.



Fonte: Santos (2011, p. 236).

O custeio ABC proporciona informações gerenciais e estratégicas que permite o melhor gerenciamento dos custos, a atribuição de responsabilidades, a possibilidade de eliminar as atividades que não agregam valor aos produtos, auxiliando dessa forma, na tomada de decisões dos gestores (CREPALDI, 2010).

### 2.3 FORMAÇÃO DO PREÇO DE VENDA

Devido à concorrência acirrada na atual economia globalizada, é importante estar atento para a correta formação do preço de venda, sendo indispensável para o crescimento e sobrevivência das empresas (WERNKE, 2004). O preço define o

público alvo e o mercado de atuação, além de demonstrar como a empresa se coloca em relação aos produtos dos concorrentes (CREPALDI, 2010).

Santos (2011) destaca a maximização dos lucros, o atendimento aos anseios de qualidade e do mercado e o melhor aproveitamento dos níveis de produção, dentre os fatores que devem ser levados em consideração no momento do cálculo do preço de venda.

Conforme Silva e Lins (2013), as empresas sempre procuram trabalhar com os maiores preços que o mercado é capaz de suportar, no entanto, isso nem sempre é possível. Isso porque alguns fatores influenciam diretamente na fixação do preço de venda, como por exemplo, as características do produto, a concorrência de mercado, as condições econômicas locais, nacionais e mundiais, as políticas adotadas pelos governantes, os custos, dentre outros.

Martins (2010) destaca que para administrar o preço de venda, se faz necessário o conhecimento do mercado de atuação em que está inserida a empresa que vai de monopólio até a concorrência perfeita, mercado de *commodities*, entre outros. Também é preciso conhecer, o grau de elasticidade da demanda, os preços dos concorrentes e dos produtos substitutos, além das estratégias de marketing.

Aspectos mercadológicos externos sempre devem ser considerados no estabelecimento do preço de venda. Dentre esses fatores, o mercado em que está inserida a empresa é o fator mais relevante, classificando-se em quatro tipos conhecidos como concorrência perfeita, concorrência monopolista, concorrência oligopolista e monopólios, conforme (ASSEF, 2005).

Ainda, conforme o mesmo autor, na concorrência perfeita, os preços são estipulados pelo mercado, pela lei da oferta e da procura, não existindo poder de barganha de preços. Nesse tipo de concorrência os produtos não apresentam distinções, sendo apresentados como *commodities* como é o caso da soja, da laranja e da maçã.

Segundo Megliorini (2012) existem diversas abordagens para a fixação do preço de venda, porém as mais utilizadas são orientadas pela teoria econômica, pelo mercado e pelos custos.

Para Dubois, Kulpa e Souza (2009) a teoria econômica determina que a formação dos preços ocorra com base nas leis de oferta e procura. Assim, enquanto a oferta procura vender um produto ao maior preço, a demanda escolherá o mesmo

produto ao menor preço. Assim, o preço flutua em níveis de oferta e demanda até constituir um preço de equilíbrio, segundo (MEGLIORINI, 2012).

Já o preço orientado pelo mercado, segundo Padoveze (2003), ignoram os custos levando em conta somente a ação da concorrência e o valor percebido pelos clientes. Megliorini (2012) acrescenta que essa abordagem é utilizada quando os produtos não apresentam grande diferenciação, sendo que a empresa segue os preços dos concorrentes.

Preços baseados no custo referem-se ao método em que o custo é a base do preço de venda de determinado produto ou serviço. Essas estratégias ignoram fatores de mercado fixando o preço de venda a partir dos custos apurados na produção de certo produto, de acordo com (CREPALDI, 2010).

Megliorini (2012) complementa que nessa abordagem o preço deve ser capaz de cobrir os custos e despesas e ainda proporcionar um lucro que remunere o os investimentos. Para definir o preço de venda agrega-se uma margem sobre os custos chamada de *Mark-up*, esta margem engloba todos os impostos e percentuais incidentes sobre as vendas, como comissões e franquias, além de despesas fixas, custos indiretos e uma margem de lucro, conforme (WERNKE, 2004).

Megliorini (2012) deixa claro que os custos podem sofrer alterações de valores dependendo do método de custeio utilizado pela empresa, e conseqüentemente, o percentual de *Mark-up* também irá se alterar. De qualquer modo, pode-se calcular o preço de venda da seguinte forma, conforme mostra a Figura 7:

Figura 7: Fórmula do *Mark-up*

$$\text{Preço} = \frac{\text{Custos}}{100\% - \text{Percentual de } \textit{Mark-up}} \times 100$$

Fonte: Crepaldi (2010, p. 360).

Este método é bastante utilizado pelas empresas, porém apresenta algumas deficiências por desconsiderar as condições de mercado e por fixar o percentual das despesas de maneira arbitrária (MARTINS, 2010).

## 2.4 CONTABILIDADE RURAL

### 2.4.1 Aspectos Gerais

Segundo Crepaldi (2012), a agricultura é toda a atividade que faz uso da terra, seja no cultivo de lavouras e florestas ou a criação de animais, com objetivo de obter produtos que satisfaçam as necessidades humanas. Barcellos *et al.* (2010) caracteriza a agricultura como uma atividade produtiva, que, por meio do cultivo de plantas e criação de animais, produz alimentos e matérias-primas.

Para Santos, Marion e Segatti (2002, p. 23) “ a agricultura é definida como a arte de cultivar a terra.” Afirmam ainda, que a agricultura será mais próspera, quanto maior for o domínio do homem sobre o processo produtivo que será possível através do conhecimento sobre as técnicas de execução e gerencia.

O setor agrícola, diferentemente dos demais, apresenta algumas características próprias, como a dependência do clima e das condições biológicas, relação do tempo de produção com o tempo de trabalho, terra como fator de produção, fluxo descontínuo de produção, incidência de riscos, concorrência econômica, produtos desuniformes e altos custos e investimentos. O efeito dessas características traz mais prejuízos do que benefícios para o administrador rural (CREPALDI, 2012).

Marion (2010) explica que na atividade agrícola, o exercício social, diverge da maioria das empresas comerciais, industriais e de serviços, na qual compreende o período de 1º/1 a 31/12. Por ser uma atividade essencialmente sazonal, e a receita estar concentrada durante, ou logo após a colheita, o exercício social coincide com o término do ano agrícola, ou seja, com o fim da colheita e comercialização da produção.

As perdas inesperadas resultantes de inundações, geadas, tempestades, incêndios, entre outras, devem ser consideradas perdas do período, quando provocam perda total ou parcial da capacidade da cultura, para (CREPALDI, 2012).

Hofer *et al.* (2011), concluem, através dos resultados obtidos com sua pesquisa, que poucos são os produtores que utilizam a Contabilidade como ferramenta de gestão de suas atividades, sendo que a grande maioria dos pequenos e médios produtores, ainda administra suas atividades por meio de registros simples como anotações em seus cadernos.

Marion (2010) ressalta também que a Contabilidade Rural ainda é pouco utilizada no Brasil, isso se deve ao fato de os empresários desconhecerem a importância dos dados e informações fornecidas pela Contabilidade para a tomada de decisões, sendo utilizada apenas para fins fiscais. Comenta ainda, que o uso da Contabilidade nas propriedades rurais é indispensável, sendo utilizada pelos produtores rurais no gerenciamento de suas propriedades, trazendo maior segurança na tomada de decisão.

Aliado a isso, Crepaldi (2012) ressalta que todas as atividades rurais requerem controles eficientes, e que muitos produtores apenas guardam em sua memória as informações, não fazendo nenhum registro dos mesmos, de maneira que, com o passar do tempo, são esquecidos e não considerados na hora da comercialização da produção. Assim, a Contabilidade aplicada na atividade rural deve fornecer dados e informações precisas ao empresário rural para auxiliá-lo no desempenho de seu negócio.

Os contadores desempenham um papel importante para o desenvolvimento das propriedades rurais através de seus conhecimentos e habilidades fornecendo orientação aos empresários, a fim de garantir o bom andamento de seus negócios (CARTER; BURRITT; PISANIELO, 2013).

#### **2.4.2 Conceito e finalidade**

A Contabilidade Rural é um instrumento administrativo que tem como finalidade o controle do patrimônio e apuração dos resultados das entidades rurais, bem como, gerar essas informações aos usuários das informações contábeis (CREPALDI, 2012). Ainda, para o mesmo autor, a Contabilidade é um sistema que registra todas as transações de uma empresa rural, expressas em valores monetários.

De acordo com Marion (2010, p. 2), “empresas rurais são aquelas que exploram a capacidade produtiva do solo por meio do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas”. Para Crepaldi (2012), a Contabilidade Rural auxilia na geração de informações nas empresas rurais, seja para o acompanhamento das atividades desenvolvidas como para o planejamento das mesmas.

Borilli *et al.* (2005), definem a Contabilidade Rural como ferramenta de planejamento, organização, orientação e controle para a gestão do patrimônio, desempenhando importante papel como ferramenta gerencial nas propriedades rurais.

Mais especificamente, Crepaldi (2012) descreve as finalidades da Contabilidade Rural como sendo orientar as operações, medir o desempenho econômico-financeiro da empresa e das atividades, permitir a comparação de resultados, auxiliar no planejamento da produção, de vendas e dos investimentos, auxiliar na tomada de decisões, entre outras finalidades.

### **2.4.3 Custos de produção na atividade rural**

Valle (1983) conceitua custo de produção como a soma de todo sacrifício, encargos, riscos e dispêndios suportados pelo produtor para a obtenção de um produto podendo ser classificados sobre diversos aspectos.

Crepaldi (2012) destaca que é importante diferenciar as culturas agrícolas em permanentes e temporárias para que os custos sejam classificados e alocados corretamente. Logo, define cultura temporária como àquelas que proporcionam apenas uma colheita sendo arrancadas da terra quando colhidas. Já a cultura permanente está ligada ao solo, proporcionando várias colheitas.

Marion (2010) considera custo de cultura todos os gastos que são identificados de maneira direta ou indireta ao produto. Nas culturas permanentes, todos os custos incorridos na fase produtiva, desde a formação do produto até a realização da colheita, são considerados custos do produto. Fazem parte desses custos, a mão de obra utilizada com a poda, o raleio, aplicação de herbicidas, os produtos químicos utilizados para a manutenção das plantas e frutos, os gastos com seguro e irrigação, combustível, dentre outros serviços. Também integra esse cálculo, a depreciação da cultura formada, sendo este, o principal item do custo da colheita. Com a venda, estes custos são transferidos para o resultado, como custos dos produtos vendidos.

Segundo o mesmo autor, os custos de armazenamento são tratados como despesas de vendas, e não do produto, quando os mesmos forem armazenados no sentido de obter preços melhores na venda. Considerando que o produto fique em

estoque para vendas futuras no sentido especulativo de preços, é preferível considerar esse gasto como custo do produto no momento da venda.

Crepaldi (2012) salienta a importância da apuração dos custos de produção, uma vez que, fornece dados referentes à produção para que o produtor rural possa organizar melhor seus recursos a fim de alcançar melhores resultados.

#### **2.4.4 Depreciação na Atividade Rural**

De acordo com Crepaldi (2012) a depreciação se aplica a bens móveis correspondendo à perda de valor pelo seu uso no tempo, desgaste ou ação da natureza.

Marion (2010) deixa claro que toda cultura que produzir frutos sofrerá depreciação. Para as culturas permanentes, a depreciação ocorrerá somente em empreendimentos próprios da empresa, devendo incidir sobre a cultura formada, não em formação, a partir da primeira colheita. Desta forma, é depreciada em tantos anos quantos forem produzidos frutos.

Para o cálculo da depreciação deve-se observar a taxa, a vida útil e o valor residual do bem a ser depreciado. Desta forma, a vida útil refere-se ao tempo que o bem será utilizado na entidade, já o valor residual é o valor de mercado do bem após a sua vida útil (CREPALDI, 2012).

As taxas de depreciação são definidas por pessoas capacitadas para prever a vida útil dos bens imobilizados, como agrônomos, veterinários e técnicos agropecuários, através de levantamento e estimativas podendo ser utilizada para fins fiscais desde que seja comprovada através de laudo técnico a vida útil dos bens (SANTOS; MARION; SEGATTI, 2002).

Crepaldi (2012) comenta da importância de se conhecer os métodos utilizados para o cálculo da depreciação, uma vez que causam impacto significativo no valor do lucro de cada período. Dentre os métodos, o Método Linear ou da Linha Reta consiste basicamente na aplicação de taxas anuais e constantes durante a vida útil do bem a ser depreciado.

Ainda segundo o mesmo autor, outros métodos de depreciação são utilizados tais como o Método da soma dos dígitos dos anos, Método das taxas decrescentes e Método das taxas variáveis.

Marion (2010) comenta que a depreciação calculada através da estimativa de produção da cultura permanente é mais vantajosa por apropriar um custo menor nas safras ruins e evitar grandes variações de resultados durante vários anos, uma vez que a taxa é calculada proporcionalmente à produção.

Outro ponto importante a ser observado com relação à depreciação na atividade rural é a depreciação dos implementos agrícolas. O método mais correto a ser utilizado é o cálculo da depreciação por hora na qual é estimado um número de horas trabalhadas por equipamento, ao invés da vida útil estimada como é feito pelo Método Linear (CREPALDI, 2012).

Marion (2010) destaca que esse método é o mais adequado, uma vez que, os implementos agrícolas como os tratores, por exemplo, não são utilizados sem interrupção o ano todo por motivos de entressafra, chuvas e ociosidade.

#### **2.4.5 Gestão na Atividade Rural**

Crepaldi (2012) destaca que a agricultura tem grande importância no desenvolvimento do país, sendo que os principais produtos de exportação são oriundos dessa atividade. Para Andrade *et al.* (2012), as grandes transformações ocorridas no setor exigem a utilização de ferramentas de gestão para auxiliar os empresários rurais, devendo estes, qualificar-se em gestão econômica.

A atividade agropecuária, por sua diversificação de atividades e volume financeiro das operações, assume proporções de empresa, apesar de a maioria das vezes não estar assim estruturada e denominada sob o aspecto formal. É fundamental também, a desvinculação da pessoa física, ou seja, separar os gastos pessoais do produtor aos da empresa. Também, é de extrema importância para o produtor rural o conhecimento aprofundado de seu negócio e dos recursos naturais disponíveis. O conhecimento de mercado e recursos disponíveis permite ao produtor rural o desenvolvimento de sua atividade econômica (CREPALDI, 2012).

Conforme Valle (1983), as operações desenvolvidas pela gestão agrária são consideradas sobre três aspectos: técnico, econômico e financeiro. O aspecto técnico está relacionado com o processo produtivo, como por exemplo, escolha das sementes, rotação das culturas, fertilizantes necessários, sistema de trabalho a ser utilizado, entre outros. Já o aspecto econômico refere-se aos custos das operações

e retorno dos resultados. Por fim, o aspecto financeiro refere-se à obtenção de recursos e sua aplicação na produção, ou seja, movimentação de entradas e saídas.

Ainda, a administração rural pode ser definida como um conjunto de atividades que permite ao produtor rural tomar decisões mais facilmente, sobre o que, quanto e como produzir com o objetivo de obter melhores resultados econômicas, controlar e avaliar os resultados alcançados, mantendo a produtividade da terra (CREPALDI, 2012).

Nesse contexto, Santos, Marion e Segatti (2002) destacam como função principal do gestor rural, o planejamento e o controle de seus resultados para que seja possível otimizar seus lucros. Para tanto é fundamental conhecer os fatores internos e externos que afetam os resultados, para que seja possível adequar-se a eles e tomar as decisões cabíveis. Quanto maior for o conhecimento acerca desses fatores, melhores resultados econômicos poderão ser obtidos.

## 2.5 SETOR AGRÍCOLA BRASILEIRO

A agricultura desde seu surgimento passou por diversas transformações. Inicialmente era voltada para a subsistência produzindo apenas para consumo próprio do agricultor e sua família. Com o aumento populacional esse sistema de produção foi deixado de lado, sendo necessário produzir em maior quantidade para atender a demanda do mercado (SANTOS; NASCIMENTO, 2009).

Entre as décadas de 60 e 80, a agricultura foi fortemente impulsionada principalmente pelo grande avanço da ciência e da tecnologia. Isso proporcionou a modernização do setor agrícola e a expansão da agricultura em áreas ainda não exploradas e antes consideradas inadequadas para o cultivo da terra (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2014).

Ainda, segundo o mesmo autor, o país é visto como grande fornecedor de alimentos mundial, devido a sua grande extensão territorial e mão de obra acessível, o que favorece ainda mais a expansão do setor.

O Brasil se destaca como um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo. Segundo dados divulgados pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (AGE/Mapa), o Produto Interno Bruto do agronegócio em 2014, representa entre 22% e 23% do PIB

total do país, com cerca de R\$ 1,1 trilhão, sendo que, a agricultura foi responsável por 70% desse valor (MAPA, 2014).

A agricultura é uma das principais atividades econômicas do país. Segundo dados apresentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no Brasil existem aproximadamente 5,5 milhões de imóveis rurais cadastrados, correspondente a uma área de 605 milhões de hectares, aproximadamente (MDA, 2012).

A partir de dados do Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA divulgados pelo Portal Brasil, a agricultura familiar é responsável por 4,3 milhões de unidades produtivas, correspondendo a 84% das propriedades rurais do país. Em 2013, o setor foi responsável por 38% do Valor Bruto da Produção Agropecuária e por 74,4% do emprego de pessoal no meio rural (PORTAL BRASIL, 2014).

Para o Ministério do Desenvolvimento Social - MDS (2015), a agricultura familiar pode ser definida com a atividade desenvolvida e gerida pelo produtor rural e seus familiares devendo possuir área inferior ou igual a 4 módulos fiscais, na qual é utilizada predominantemente a mão-de-obra familiar nas atividades desenvolvidas.

Segundo Bontempo (2014) em matéria divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA baseado no relatório anual da Organização das Nações Unidas, a agricultura familiar no Brasil é responsável pela produção de 80% dos alimentos consumidos no país, apesar de ocupar apenas 23,4% da área dos estabelecimentos rurais. Isso mostra a importância do setor na produção de alimentos e geração de empregos e renda.

No cenário das atividades primárias, merece destaque, o cultivo de frutas. As frutas estão presentes em todo país em diferentes variedades e quantidades fazendo parte principalmente as pequenas e médias propriedades. Segundo dados do IBGE de 2012, o estado de São Paulo é o maior produtor nacional de frutas frescas representando 40% do total do país, seguido do estado da Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (SANTOS *et al.*, 2013).

O Brasil ocupa posição de destaque na produção mundial de frutas, ocupando o terceiro lugar com 42,6 milhões de toneladas produzidas, dentre frutas tropicais, subtropicais e temperadas. Dentre esse total, 47% das frutas são comercializadas *in natura* (BRAZILIAN FRUIT, 2015). A partir de dados da FAO, em 2012 a China lidera o ranking dos maiores produtores de frutas mundialmente, com

224,816 milhões de toneladas, em seguida aparece a Índia com um total de 83,082 milhões de toneladas produzidas (SANTOS *et al.*, 2013).

As exportações brasileiras de frutas frescas, em 2011 totalizaram aproximadamente 681,268 mil toneladas, as ameixas correspondem a 1,06 toneladas e o pêssego não apresenta volume exportado (BRAZILIAN FRUIT, 2011).

No Brasil, a importação de frutas de caroço que compreende o pêssego, ameixa, nectarina e damasco cresceram muito nos últimos anos. Dentre as frutas e hortaliças frescas importadas pelo Brasil no período de 2010 a 2012, as frutas de caroço representam 12% do valor das importações destacando-se como principais fornecedores a Espanha, o Chile e a Argentina. Dentre as importações, a fruta que mais se destaque é a ameixa. A tendência é que as importações continuem a crescer nos próximos anos pelo fato de as variedades nacionais não atenderem a demanda durante o ano todo (VIANA; JULIÃO, 2013).

Veloze e Hespanhol (2012) destacam que a diversificação das culturas é fundamental para a manutenção das atividades econômicas nas pequenas propriedades rurais. A partir de estudo realizado, os autores concluem que a maioria das propriedades rurais familiares desenvolve mais de uma atividade econômica e que essa diversificação se apresenta como principal fonte de geração de renda, possibilitando também a não dependência de uma única cultura como fonte de renda.

Além disso, a diversificação na agricultura, segundo Bosch e Blandón (2011) é uma alternativa para minimizar os riscos com o clima e os fatores de mercado constituindo-se uma vantagem competitiva da agricultura familiar.

Aliado a isso, Alonso e Northcote (2013) abordam a multifuncionalidade na agricultura como forma de aumentar a renda do produtor e fortalecimento das propriedades rurais. Os resultados da pesquisa mostram que a grande maioria dos produtores entrevistados comercializam seus produtos de maneira diversificada como a granel, venda local a consumidores, mercados regionais e exportações com o objetivo de não depender apenas de um mercado e agregar valor aos seus produtos.

## 2.6 PANORAMA DA PRODUÇÃO DE PÊSSEGO E AMEIXA

### 2.6.1 Pêssego

O pessegueiro é uma planta originária da China que teria sido levada para a Pérsia e posteriormente espalhada pela Europa, com registros que remontam o século 20 a.C. A introdução do pessegueiro no Brasil ocorreu em São Vicente, atual Estado de São Paulo, por volta de 1532 por Martim Afonso de Souza (EMBRAPA, 2003).

Segundo dados da FAO (2013), a China é a maior produtora de pêssegos e nectarinas representando 55,10% do total produzido no mundo. A Itália aparece como segunda colocada com 6,48%, seguida da Espanha com 6,15% e os Estados Unidos com 4,46%. O Brasil aparece na décima terceira posição representando 1,01% da produção mundial.

No Brasil, os estados do Sul possuem as melhores condições climáticas para a produção de pêssego devido à alta exigência de frio, porém em outros estados também é possível produzir, com cultivares menos exigentes ao frio (EMBRAPA, 2003).

Segundo o IBGE (2013), o Brasil produz 217,7 mil toneladas de pêssego por ano, destacando-se dentre os principais produtores o Rio Grande do Sul, com 62,86% do total produzido, em seguida aparece o Estado de São Paulo com 12,33%, Santa Catarina com 10,10% e Minas Gerais com 9,25%.

No ano de 2012, as importações de pêssegos e nectarinas totalizaram 25,5 mil toneladas destacando-se como principais importadores a Alemanha, Rússia e França. As exportações não apresentam valores para o mesmo período (FAO, 2012).

Segundo a EMBRAPA (2005) os principais cultivares de pêssego plantados na região sul do país são o Chiripá, Chimarrita, Marli, Della Nona, Pampiano, Premier, Charme, dentre outras variedades.

### 2.6.2 Ameixa

A ameixeira tem sua origem provavelmente no centro oeste da China, sendo que os primeiros registros datam os anos 23 a 79 da era cristã. Existem tuas

espécies de ameixas de maior abrangência denominadas de *Prunus doméstica* L e *Prunus salicina* Lindl, que deram origem aos demais cultivares existente. A primeira, conhecida como ameixeira europeia, teve origem na região sul de Cáucaso e o Norte da Pérsia sendo cultivada há mais de 2000 anos. As árvores são altas podendo atingir até 12 metros de altura. Já a segunda espécie, conhecida como ameixeira japonesa, acredita-se que se originou na China e suas árvores podem atingir 6 a 10 metros de altura (EMBRAPA, 2005).

Ainda, segundo a EMBRAPA, a ameixeira apresentou grande difusão pelo mundo por se adaptar em várias condições climáticas, com exceção apenas nas áreas de calor elevado ou extremo frio. No Brasil, as cultivares de ameixa estão presentes desde 1938, com a criação da Estação Experimental de Pelotas na qual eram realizados estudos e pesquisas com as cultivares.

Segundo dados da FAO, em 2013 a produção mundial de ameixa foi de aproximadamente 11,5 milhões de toneladas. A China novamente se destaca no cenário mundial, ficando com 52,91% da produção mundial da fruta. A Sérvia aparece com 6,4% desse total, a Romênia com 4,45%, seguido do Chile com 2,66% (FAO, 2013).

Eidam, Pavanello e Ayub (2012), destacam como principais produtores os Estados do Rio Grande do Sul com 12,2 mil toneladas, seguido pelos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo com respectivamente, 11, 7 e 6 mil toneladas de produção anual.

Em São Paulo e em outras regiões de clima semelhante, a ameixa é uma das frutas mais difundidas nos últimos anos destinando-se principalmente ao mercado interno e para o consumo in natura (HOLANTEC, 2015).

De acordo com Castro (2008), o cultivo de ameixa no Brasil apresenta boas perspectivas de crescimento, uma vez que, a oferta nacional da fruta é menor que a quantidade demandada, apresenta boa conservação dos frutos e boa aceitação dos agricultores. Segundo Reetz *et al.* (2015), a ameixa ocupa a quarta posição dentre as frutas importadas pelo Brasil no ano de 2014 com volumes correspondentes a 32,235 mil toneladas.

Segundo a EMBRAPA (2005), as principais cultivares e que melhor se adaptam na região sul é a Amarelinha, América, Pluma 7, Reubennel, Irati, Letícia, Wade, dentre outras variedades.

### 3 ESTUDO DE CASO

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

A propriedade rural que serve de base para o presente trabalho está situada a 12 km da cidade, mais precisamente na localidade da Capela Santo Antônio - Linha 2 de Julho, interior de Antônio Prado – RS. A Figura 8 mostra a vista aérea da propriedade.

Figura 8: Vista aérea da propriedade rural



Fonte: Google Earth (2015).

Sua origem se deu em 1986 quando o proprietário Gilmar Anziliero herdou de seu pai uma pequena área de terras de 12,5 hectares e nela fixou residência juntamente com sua esposa Janete. O casal teve três filhas mulheres, sendo que apenas uma permanece até hoje com os pais na agricultura.

A propriedade rural é formada por uma área de 12,5 hectares onde se desenvolve, predominantemente, a produção de pêssego. Dos 12,5 hectares de terra que a propriedade possui 4,6 hectares são de área produtiva, totalizando 5.578 mudas de pessegueiro plantadas.

A plantação de pêssego da propriedade é composta por quatro variedades diferentes com produção escalada, o que facilita os trabalhos durante o ano e principalmente a colheita. A maturação dos frutos se inicia em meados de novembro se estendendo até final de janeiro, podendo antecipar ou tardar dependendo das condições climáticas durante o ano. A propriedade possui também uma área de 1,40 hectares de água represada e conta com sistema de irrigação por gotejamento em todos os pomares.

As variedades de pêssego, bem como, sua área são especificadas no Quadro 1.

Quadro 1: Variedades de pêssego

<b>Tipo</b>	<b>Área (ha)</b>	<b>Nº de plantas</b>
Chimarrita	0,95	880
Marli	0,44	528
Della Nona	1,86	2.879
Eragil	1,35	1.291
<b>TOTAL</b>	<b>4,60</b>	<b>5.578</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Além da produção de pêssego, o proprietário se dedica ao cultivo de ameixa que se desenvolve em terra arrendada. A plantação de ameixa possui uma área de 1,95 hectares e um total de 3.000 plantas composta pelas variedades Fortune e Letícia, também com produção escalada. A maturação dos frutos se inicia, respectivamente, na metade de dezembro e no final de janeiro/início de fevereiro. A Figura 9 mostra a vista aérea do pomar de ameixa.

Figura 9: Vista aérea do pomar de ameixa



Fonte: Google Earth (2015).

As variedades de ameixa, bem como, sua área são especificadas no Quadro 2.

Quadro 2: Variedades de ameixa

Tipo	Área (ha)	Nº de plantas
Fortune	1,25	2.000
Letícia	0,70	1.000
<b>TOTAL</b>	<b>1,95</b>	<b>3.000</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Atualmente, o proprietário conta com a ajuda da esposa, da filha e de um funcionário que se dedica aos cuidados do pomar. Todos os serviços que antecedem a colheita do pêssigo e ameixa são realizados pela família e pelo funcionário, sendo a mão de obra predominantemente própria. Dessa forma, apenas na colheita se faz necessária a contratação de mais mão de obra para auxiliar na propriedade.

Ao proprietário cabe toda a administração e os cuidados com o pomar, desde a compra e aplicação dos insumos, limpeza, contratação de pessoas para realizar a colheita até a supervisão da mesma, bem como a gestão financeira do negócio, que por sua vez, conta com a ajuda da filha.

Para a venda de sua produção de pêsego, o mesmo, juntamente com dois sócios constituiu há 14 anos uma estrutura própria com pavilhão, câmaras frias e máquina de classificação para o armazenamento, seleção e acondicionamento da sua produção. Dessa forma, o armazenamento e administração da venda do pêsego são realizados totalmente por essa associação, já a produção de ameixa é vendida totalmente a terceiros.

O levantamento de dados foi feito através de informações fornecidas pelo proprietário e notas fiscais de compra e venda, dessa forma, as receitas, custos, despesas e resultados em análise referem-se ao cultivo do pêsego e da ameixa no período da safra 2014/2015.

### 3.2 RECEITAS

As receitas da propriedade são geradas pela venda do pêsego e ameixa, assim a receita bruta total está demonstrada na Tabela 1, bem como as quantidades vendidas no período.

Tabela 1: Receita Bruta total da safra

<b>Cultura</b>	<b>Quant. vendida (Kg)</b>	<b>Receita Bruta (R\$)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Pêssego	76.516	201.004,30	56,99%
Ameixa	57.506	151.718,60	43,01%
<b>TOTAL</b>	<b>134.022</b>	<b>352.722,90</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Observa-se que a venda de pêsego possui maior representatividade sobre a receita bruta da propriedade perfazendo 56,99% do seu valor total, já a venda de ameixas representa 43,01% da receita total.

### 3.2.1 Receita obtida com a venda do pêssego

A receita da cultura do pêssego é demonstrada, levando em consideração as variedades produzidas na propriedade, desta forma, para o cálculo da receita bruta foi feito um levantamento do preço de venda médio por kg, bem como, da quantidade vendida de cada variedade, conforme a Tabela 2.

Tabela 2: Receita Bruta obtida com a venda do pêssego

<b>Variedade</b>	<b>Quant. vendida (Kg)</b>	<b>Preço de venda (R\$/kg)</b>	<b>Receita Bruta (R\$)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Chimarrita	4.510	3,96	17.857,40	8,88%
Marli	12.792	2,42	31.010,00	15,43%
Della Nona	36.524	2,52	92.095,90	45,82%
Eragil	22.690	2,65	60.041,00	29,87%
<b>TOTAL</b>	<b>76.516</b>		<b>201.004,30</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Assim, a receita bruta com a venda do pêssego totaliza R\$ 201.004,30, sendo que a variedade com maior representatividade na receita total é a Della Nona com 45,82% seguido das variedades Eragil, Marli e Chimarrita.

Vale ressaltar que a variedade Chimarrita produziu uma quantidade de fruta bem menor que o normal devido à geada ter prejudicado a sua produção, por isso apresentou uma receita bem inferior às demais variedades que foram menos prejudicadas pela geada. No entanto, apesar de apresentar um volume menor de produção foi possível obter melhores preços na sua venda por apresentar frutos mais graúdos e pela baixa oferta desta variedade no mercado.

### 3.2.2 Receita obtida com a venda da ameixa

A receita bruta da cultura da ameixa totaliza R\$ 151.718,60 e para o cálculo da receita de cada variedade foi apurado o preço de venda médio ao kg, bem como sua quantidade vendida na safra, conforme a Tabela 3.

Tabela 3: Receita Bruta obtida com a venda da ameixa

<b>Variedade</b>	<b>Quant. Vendida (Kg)</b>	<b>Preço de venda (R\$/kg)</b>	<b>Receita Bruta (R\$)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Fortune	39.490	2,66	104.887,00	69,13%
Letícia	18.016	2,60	46.841,60	30,87%
<b>TOTAL</b>	<b>57.506</b>		<b>151.718,60</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme o exposto, a variedade com maior representatividade na receita total é a Fortune, apresentando uma receita de R\$ 104.887,00 que representa 69,13% da receita bruta total, enquanto que a variedade Letícia representa 30,87%.

### 3.3 CUSTO DE PRODUÇÃO DA CULTURA PÊSSEGO

Na presente seção, apresenta-se o levantamento e apuração dos custos de produção da cultura do pêsego, para isso, relacionam-se os gastos com insumos, mão de obra empregada e custos indiretos de produção que inclui a depreciação dos pomares e das máquinas e equipamentos, combustíveis para tratores, manutenção de máquinas e equipamentos, seguro do cultivo para granizo, bens de pequeno valor e Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

Os valores apresentados correspondem ao período conhecido como ano safra, ou seja, todos os gastos incorridos desde a poda e os tratamentos iniciais aplicados nos pomares, que se iniciam normalmente em junho do ano corrente, até a colheita e respectiva venda do pêsego, que ocorre de novembro a fevereiro do ano subsequente.

#### 3.3.1 Insumos

Com relação aos insumos, fazem parte dessa rubrica os agrotóxicos utilizados nos tratamentos dos pomares para a prevenção de doenças, herbicidas utilizados no controle de plantas daninhas e os adubos aplicados no solo ou via fertirrigação totalizando um custo de R\$ 17.368,67 para a safra.

A Tabela 4 demonstra os insumos aplicados na variedade Chimarrita e seu custo total.

Tabela 4: Custo com insumos pêssego Chimarrita

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	1,0	38,30	38,30
Aureo	Adjuvante	l	1,0	10,40	10,40
Booster MO	Fertilizante	l	1,5	80,30	120,45
Boro Super	Fertilizante (Boro)	l	1,0	31,63	31,63
Cercobin	Fungicida	kg	1,0	24,50	24,50
Clorogenera	Bactericida	kg	0,4	180,00	72,00
Cobre atar	Fungicida/bactericida	kg	2,0	20,53	41,06
Dimexion	Inseticida	l	1,5	21,67	32,50
Dodex	Fungicida	l	2,0	64,50	129,00
Domark	Fungicida	l	1,2	38,40	46,08
Isatalonil	Fungicida	l	7,5	19,50	146,25
Nativo	Fungicida	l	2,8	72,40	202,72
Rovral	Fungicida	l	1,5	101,67	152,50
Sumithion	Inseticida	l	1,5	48,00	72,00
Supa Cobre	Fertilizante (cobre)	l	1,0	31,25	31,25
Trebon	Inseticida	l	9,0	44,00	396,00
Helmozone	Herbicida	l	16,5	20,27	334,84
FH Cálcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	8,0	37,33	298,67
1ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	332,40	332,40
2ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	329,61	329,61
<b>TOTAL</b>					<b>2.842,15</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Destaca-se que mesmo a variedade de pêssego tendo produzido menos quantidade de fruta que o normal, a quantidade de tratamentos e cuidados com o pomar foram os mesmos que nas outras safras. Portanto, foi levado em consideração todo o custo com insumos nesse período, independentemente de a quantidade produzida ter sido menor.

Os insumos utilizados na variedade Marli são elencados na Tabela 5, assim como o seu custo total.

Tabela 5: Custo com insumos pêssego Marli

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	0,6	38,30	22,98
Aliette	Fungicida	kg	0,6	77,60	46,56
Altima	Fungicida	l	0,5	112,00	56,00
Aureo	Adjuvante	l	0,6	10,40	6,24
Booster MO	Fertilizante	l	1,0	80,30	80,30
Boro Super	Fertilizante (Boro)	l	0,9	31,63	28,46
Calbit	Fertilizante (cálcio)	l	1,0	22,50	22,50
Cercobin	Fungicida	kg	0,6	24,50	14,70
Clorogenera	Desinfetante	kg	0,3	180,00	54,00
Cobre atar	Fungicida/bactericida	kg	1,0	20,53	20,53
Dimexion	Inseticida	l	0,9	21,67	19,50
Domark	Fungicida	l	0,4	38,40	15,36
Isatalonil	Fungicida	l	6,2	19,50	121,88
Nativo	Fungicida	l	1,0	72,40	72,40
Rovral	Fungicida	l	2,0	101,67	203,33
Sumithion	Inseticida	l	1,8	48,00	86,40
Trebon	Inseticida	l	5,0	44,00	220,00
Helmozone	Herbicida	l	7,7	20,27	155,08
FH Cálcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	5,0	37,33	186,67
1ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	153,95	153,95
2ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	152,66	152,66
<b>TOTAL</b>					<b>1.739,50</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Observa-se que a variedade Marli apresenta um custo com insumos mais baixo, uma vez que, o pomar possui uma área pequena sendo necessária uma quantidade menor de insumos para seu tratamento.

Na Tabela 6 é apresentado o custo com insumos para a variedade Della Nona que totaliza R\$ 8.052,14.

Tabela 6: Custo com insumos pêsego Della Nona

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	2,0	38,30	76,60
Akro D	Inseticida	l	0,7	62,50	43,75
Aliette	Fungicida	kg	2,0	77,60	155,20
Altima	Fungicida	l	2,2	112,00	246,40
Aureo	Adjuvante	l	2,0	10,40	20,80
Booster MO	Fertilizante	l	9,2	80,30	738,76
Boro Super	Fertilizante (Boro)	l	1,6	31,63	50,60
Calbit	Fertilizante (cálcio)	l	2,0	22,50	45,00
Cercobin	Fungicida	kg	4,0	24,50	98,00
Clorogenera	Desinfetante	kg	1,05	180,00	189,00
Dimexion	Inseticida	l	16,2	21,67	351,00
Domark	Fungicida	l	9,4	38,40	360,96
Isatalonil	Fungicida	l	20,5	19,50	399,75
Nativo	Fungicida	l	4,6	72,40	333,04
Rovral	Fungicida	l	8,3	101,67	843,83
Sumithion	Inseticida	l	5,8	48,00	278,40
Supa Cobre	Fertilizante (cobre)	l	3,5	31,25	109,38
Suprathion	Inseticida	l	0,9	35,50	31,95
Trebon	Inseticida	l	12,0	44,00	528,00
Helmozone	Herbicida	l	32,4	20,27	655,58
FH Cálcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	15,0	37,33	560,00
1ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	650,80	650,80
2ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	645,34	645,34
3ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	640,00	640,00
<b>TOTAL</b>					<b>8.052,14</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Para o pêsego Della Nona a única diferenciação foi, além da utilização de alguns inseticidas a mais, a aplicação de uma terceira fertirrigação o que resultou em um custo maior com insumos com relação às demais variedades.

Os custos com os insumos para a variedade Eragil totalizam R\$ 4.734,88 conforme a Tabela 7.

Tabela 7: Custo com insumos pêssego Eragil

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	1,4	38,30	53,62
Akro D	Inseticida	l	1,4	62,50	87,50
Aliette	Fungicida	kg	1,4	77,60	108,64
Altima	Fungicida	l	1,4	112,00	156,80
Aureo	Adjuvante	l	1,4	10,40	14,56
Booster MO	Fertilizante	l	0,2	80,30	16,06
Boro Super	Fertilizante (Boro)	l	0,7	31,63	22,14
Calbit	Fertilizante (cálcio)	l	2,0	22,50	45,00
Cercobin	Fungicida	kg	2,8	24,50	68,60
Clorogenera	Desinfetante	kg	0,9	180,00	162,00
Cobre atar	Fungicida/bactericida	kg	2,5	20,53	51,33
Dimexion	Inseticida	l	8,0	21,67	173,33
Domark	Fungicida	l	0,8	38,40	30,72
Isatalonil	Fungicida	l	17,5	19,50	341,25
Nativo	Fungicida	l	3,2	72,40	231,68
Rovral	Fungicida	l	6,0	101,67	610,00
Sumithion	Inseticida	l	6,0	48,00	288,00
Supa cobre	Fertilizante (cobre)	kg	1,4	31,25	43,75
Trebon	Inseticida	l	10,0	44,00	440,00
Helmozone	Herbicida	l	23,5	20,27	475,83
FH Cálcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	10,0	37,33	373,33
1ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	472,35	472,35
2ª Fertirrigação	Fertilizante líquido	apl.	1,0	468,39	468,39
<b>TOTAL</b>					<b>4.734,88</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Nota-se que vários são os tipos de insumos utilizados na cultura do pêssego, e que estes, não apresentam grande diferenciação entre as variedades. Ressalta-se que as quantidades utilizadas de cada insumo foram obtidas através de anotações referentes aos tratamentos realizados nos pomares, sendo que para o valor do custo unitário foi feita uma média de valores durante o ano para se chegar a um valor unitário médio por insumo.

Para obter o valor da fertirrigação, que consiste em aplicar fertilizantes via água de irrigação, foi feito um levantamento dos produtos utilizados e os valores de cada aplicação. Os custos totais das duas primeiras aplicações foram distribuídos às variedades de pêssego de maneira proporcional à sua área, já o valor da última

adubação foi absorvido pela variedade Della Nona por ter sido aplicado somente para essa variedade.

Salienta-se que os valores totais ou individuais dos insumos empregados em geral ou com cada variedade de pêssego representam uma informação desconhecida para o produtor, uma vez que, somente conhece as quantidades de insumos utilizadas para cada variedade e não o custo total propriamente dito.

### 3.3.2 Mão de obra

Os custos referentes à mão de obra empregada nos serviços realizados para o cultivo do pêssego, geralmente, não são levados em consideração pelo produtor como um gasto efetivo, já que, na maioria das vezes, esses serviços são desenvolvidos pelos proprietários e não há desembolso de valores. No entanto, ressalta-se que todos os serviços realizados pelos proprietários foram considerados como custo e integram o cálculo de mão de obra.

Durante o período em análise, houve a contratação de uma pessoa para ajudar com os serviços nos pomares, portanto, para o cálculo do custo com mão de obra foram considerados todos os gastos incorridos com esse funcionário durante o período trabalhado na propriedade que se iniciou em 17 de março a 08 de agosto de 2014.

Tabela 8: Custo com o funcionário

	Março (R\$)	Abril (R\$)	Maió (R\$)	Junho (R\$)	Julho (R\$)	Agosto (R\$)	Total (R\$)
Salário mensal	405,07	868,00	868,00	868,00	868,00	231,47	4.108,53
(+) Insalubridade	67,57	144,80	144,80	144,80	144,80	38,61	685,39
Salário Bruto	472,64	1.012,80	1.012,80	1.012,80	1.012,80	270,08	4.793,92
(+) FGTS s/salários	37,81	81,02	81,02	81,02	81,02	21,61	383,51
(+) INSS outras entidades	12,76	27,35	27,35	27,35	27,35	18,69	140,83
(+) Provisão 13º Salário	84,40	84,40	84,40	84,40	84,40	0,00	422,00
(+) Provisão Férias	112,53	112,53	112,53	112,53	112,53	0,00	562,67
(+) FGTS s/13º salário	6,75	6,75	6,75	6,75	6,75	0,00	33,76
<b>TOTAL</b>	<b>726,90</b>	<b>1.324,85</b>	<b>1.324,85</b>	<b>1.324,85</b>	<b>1.324,85</b>	<b>310,37</b>	<b>6.336,69</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme o exposto na Tabela 8, o salário mensal do funcionário é de R\$ 868,00 com adicional de insalubridade grau médio totalizando um salário mensal de

R\$ 1.012,80. Sobre esse salário, incidem todos os direitos trabalhistas, como o FGTS, provisão de férias e 13º salário e os encargos sociais e trabalhistas sobre as provisões. Fazem parte desse custo também, o valor do INSS, outras entidades que é pago pelo empregador, e, portanto, integra o cálculo do custo dispendido com o funcionário.

Além do custo com o funcionário, estimou-se um valor para pagamento da diária relativo aos serviços realizados na propriedade pelos proprietários e diaristas, baseado em valores pagos atualmente no meio rural. Dessa forma, foi feito um levantamento dos serviços realizados no cultivo do pêsego, além do tempo e da quantidade de pessoas necessárias para a realização de cada serviço, conforme Tabela 9.

Ressalta-se que para o serviço de poda, o proprietário contou com a ajuda do funcionário e, portanto, para o cálculo da mão de obra apresentado na Tabela 9, foi levado em consideração somente uma pessoa diarista para desenvolver o respectivo serviço, uma vez que o tempo dispendido pelo funcionário na poda já está inserido no seu custo calculado na Tabela 8.

Tabela 9: Custo de mão de obra empregada no cultivo do pêsego

Serviços realizados	Quant. de Pessoas	Tempo (dias)	Valor da diária (R\$)	Valor total (R\$)
Podar	1	40	70,00	2.800,00
Tratamentos	1	17	70,00	1.190,00
Poda verde	2	20	70,00	2.800,00
Raleio	4	32	70,00	8.960,00
Colheita	6	52	85,00	26.520,00
Roçar	1	3	70,00	210,00
Aplicação de herbicida	1	6	70,00	420,00
<b>TOTAL DA SAFRA</b>				<b>42.900,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Para o cálculo de mão de obra multiplicou-se o valor da diária pela quantidade de pessoas atuantes em cada função, e estes, pelo tempo correspondente obtendo-se um custo total para a safra de R\$ 42.900,00. Esse valor somado ao custo do funcionário apresentado na Tabela 8, resulta no custo total de mão de obra dispendido com o cultivo do pêsego que totaliza R\$ 49.236,69 para o ano safra.

O valor de mão de obra encontrado para a safra refere-se ao custo com todos os pomares, ou seja, é o valor dispendido com os 4,6 hectares de pêsego, obtendo-se um custo de mão de obra de R\$ 10.703,63 por hectare. A partir da multiplicação deste valor pela área de cada pomar é possível determinar o custo de mão de obra para cada variedade de pêsego conforme a Tabela 10.

Tabela 10: Custo total de mão de obra pêsego

<b>Variedade</b>	<b>Mão de Obra Total (R\$)</b>
Chimarrita	10.168,45
Marli	4.709,60
Della Nona	19.908,75
Eragil	14.449,90
<b>TOTAL</b>	<b>49.236,69</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Destaca-se que o custo de mão de obra encontrado é bastante significativo, e, por isso, de conhecimento necessário ao produtor, uma vez que corresponde a uma grande parcela do custo total dos produtos.

### 3.3.3 Custos indiretos de produção

Os custos indiretos de produção do pêsego compreendem os gastos com a depreciação dos pomares, o seguro do cultivo para granizo, a energia elétrica utilizada para a irrigação e os valores correspondentes de depreciação e manutenção das máquinas e equipamentos, combustível para tratores, bens de pequeno valor e EPIs.

Esses custos dividem-se em comuns e específicos, sendo os comuns, aqueles referentes aos gastos dispendidos tanto com a cultura do pêsego, quanto da ameixa, e os específicos, aqueles incorridos somente com a cultura do pêsego. Para os custos indiretos específicos foi feito o rateio pela área total do pêsego de 4,6 hectares, já os custos indiretos comuns foram rateados pela área total de 6,55 hectares que corresponde à soma das áreas de pêsego e da ameixa.

Pelo fato das culturas de pêsego e de ameixa apresentarem custos indiretos de produção comuns, inicialmente serão apresentados seus valores totais para a safra e após será feita a alocação dos mesmos para o pêsego. Assim, são

apresentados na Tabela 11, os valores totais dos custos indiretos comuns, bem como a base de rateio utilizada.

Tabela 11: Custos indiretos de produção comuns totais da safra

	Valor Anual (R\$)	Critério de rateio
Depreciação de máquinas e equipamentos	4.803,32	Área total
Combustível para tratores	4.200,00	Área total
Manutenção de máquinas e equipamentos	4.000,00	Área total
Bens de pequeno valor	225,00	Área total
EPIs	174,00	Área total
<b>TOTAL</b>	<b>13.402,32</b>	

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Com relação à depreciação das máquinas e equipamentos, foi preciso estimar o valor a ser utilizado com cada produto, dessa forma, a Tabela 12 elenca os bens utilizados no cultivo do pêssego e da ameixa, bem como os dados necessários para seu cálculo.

Tabela 12: Cálculo da depreciação anual de máquinas e equipamentos

Quant.	Tipo	Ano	Valor de mercado (R\$)	Horas/ano utilizadas	Anos de duração	Vida útil (h)	Depreciação Anual (R\$)
1	Trator Yanmar 1050D	2009	35.000,00	258,0	40	10.320	875,00
1	Trator New Holland TT3840	2008	40.000,00	409,7	30	12.292	1.333,33
1	Roçadeira Agritech Lavrale	2006	2.500,00	64,0	15	960	166,67
1	Carrinhos de bins	2013	2.000,00	140,0	22	3.080	90,91
1	Carrinhos de bins	2013	2.000,00	140,0	22	3.080	90,91
1	Caçamba	2008	700,00	50,0	20	1.000	35,00
1	Pulverizador Arbus 1000 Jacto	2008	13.000,00	180,0	20	3.600	650,00
1	Tesoura de poda felcotronic 810	2013	5.500,00	320,0	10	3.200	550,00
1	Adubadeira E 600 Incomagri	2007	300,00	16,0	15	240	20,00
1	Aplicador de herbicida	2014	500,00	64,0	40	2.560	12,50
178	Bins para armazenamento fruta	2012	9.790,00	1.392,0	10	13.920	979,00
<b>TOTAL DEPRECIAÇÃO</b>							<b>4.803,32</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Para o cálculo da vida útil dos bens, foi necessário fazer um levantamento do número de horas utilizadas durante o ano safra e do tempo de duração dos mesmos, assim, pela multiplicação dessas duas variáveis têm-se a vida útil dos bens

em horas. O cálculo da depreciação foi realizado dividindo-se o valor de mercado dos bens pela sua vida útil, sendo que o resultado dessa divisão multiplicado pelo número de horas/ano utilizados resulta no valor da depreciação anual. Por meio da soma das depreciações de cada bem, obteve-se um total de R\$ 4.803,32, que equivale ao total das depreciações do ano safra.

Com relação aos bens de pequeno valor, estes são compostos por duas tesouras e um serrote utilizados na poda dos pessegueiros e ameixeiras que somam R\$ 450,00 para o período. Como essas ferramentas de trabalho são utilizadas para duas safras, divide-se esse valor pelos anos de uso, logo se obtém o custo total de R\$ 225,00 para o ano safra.

Integram também os custos indiretos de produção, os gastos com equipamentos de proteção individual que somam R\$ 174,00 e compreendem um kit de EPI tratorizado, pares de luvas, máscaras, óculos de proteção e pares de botas de borracha para a proteção da saúde dos trabalhadores no período analisado.

Os valores de manutenção de máquinas e equipamentos, bem como de combustível para tratores foram obtidos através de uma estimativa de valores auferidos pelo proprietário e se chegou a um custo para o período de R\$ 4.000,00 e R\$ 4.200,00, respectivamente.

Ressalta-se que os valores dos custos indiretos comuns apresentados anteriormente compreendem o valor total para o ano safra, ou seja, o custo total que deve ser distribuído para as culturas de pêssigo e ameixa. Esses custos, por serem dispendidos com ambas as culturas foram distribuídos aos produtos proporcionalmente pela sua área, sendo o cálculo e valores dessa distribuição apresentados no Apêndice A.

Dessa forma, são apresentados na Tabela 13, os valores dos custos indiretos de produção comuns alocados para a cultura do pêssigo que totalizam R\$ 9.412,32. Observa-se que o valor total da depreciação das máquinas e equipamentos para o ano safra totalizou R\$ 4.803,32 sendo que, desse valor somente R\$ 3.373,32 referem-se ao cultivo do pêssigo sendo o restante alocado para a ameixa. Para os demais custos indiretos comuns, a sistemática é a mesma estando os valores de sua distribuição apresentados a seguir.

Tabela 13: Custos indiretos de produção comuns do pêssego

	<b>Chimarrita (R\$)</b>	<b>Marli (R\$)</b>	<b>Della Nona (R\$)</b>	<b>Eragil (R\$)</b>	<b>TOTAL (R\$)</b>
Depreciação de máquinas e equipamentos	696,66	322,67	1.364,00	990,00	<b>3.373,32</b>
Combustível para tratores	609,16	282,14	1.192,67	865,65	<b>2.949,62</b>
Manutenção de máquinas e equipamentos	580,15	268,70	1.135,88	824,43	<b>2.809,16</b>
Bens de pequeno valor	32,63	15,11	63,89	46,37	<b>158,02</b>
EPIs	25,24	11,69	49,41	35,86	<b>122,20</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1.943,85</b>	<b>900,31</b>	<b>3.805,85</b>	<b>2.762,31</b>	<b>9.412,32</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Já os custos indiretos de produção específicos do pêssego, estão apresentados na Tabela 14 e somam R\$ 9.533,71.

Tabela 14: Custos indiretos de produção específicos do pêssego

	<b>Valor Anual (R\$)</b>
Depreciação dos pomares	2.606,51
Energia Elétrica para Irrigação	300,00
Seguro do cultivo para granizo	6.627,20
<b>TOTAL</b>	<b>9.533,71</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Com relação à depreciação dos pomares de pêssego, foi feito um levantamento do custo de implantação de 1 (um) hectare com base em dados obtidos com um agrônomo. Integram esse custo, o preparo e correção do solo, a mão de obra e os tratos culturais no período de um ano, conforme mostra a Tabela 15.

Tabela 15: Custo de implantação de 1 ha de pêssego

<b>Serviços</b>	<b>Valor (R\$)</b>
Preparo do solo	1.500,00
Correção do solo	2.000,00
Mão de Obra	1.200,00
Tratos Culturais de 1 ano	1.500,00
<b>TOTAL</b>	<b>6.200,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Além dos gastos elencados na Tabela 15, integram o custo de implantação do pomar, o custo com as mudas de pessegueiro, sendo realizado para esse

cálculo, um levantamento da quantidade de plantas de cada pomar, que multiplicado pelo seu valor unitário, obtém-se o valor total das mudas para cada variedade de pêssigo conforme a Tabela 16

Tabela 16: Custo das mudas de pessegueiro

<b>Variedade</b>	<b>Quant. Mudas</b>	<b>Valor Unitário (R\$)</b>	<b>Valor Total (R\$)</b>
Chimarrita	880	3,50	3.080,00
Marli	528	3,50	1.848,00
Della Nona	2.879	3,50	10.076,50
Eragil	1.291	3,50	4.518,50
<b>TOTAL</b>	<b>5.578</b>		<b>19.523,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Pelo fato de os pomares possuírem áreas diferentes, foi necessário multiplicar o custo total de implantação de 1 (um) hectare, apresentado na Tabela 15, pela área de cada pomar que somado ao custo das mudas resultou no custo de implantação de cada pomar de pêssigo. A divisão do custo total de implantação pela duração do pomar em anos é o valor da depreciação anual, conforme mostra a Tabela 17.

Tabela 17: Depreciação anual dos pomares de pêssigo

<b>Variedade</b>	<b>Custo de implantação pomar (R\$)</b>	<b>Duração do pomar (anos)</b>	<b>Depreciação anual (R\$)</b>
Chimarrita	8.970,00	19	472,11
Marli	4.576,00	21	217,90
Della Nona	21.608,50	18	1.200,47
Eragil	12.888,50	18	716,03
<b>TOTAL</b>	<b>48.043,00</b>		<b>2.606,51</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Com relação aos custos com seguro do cultivo para granizo, esses foram contratados para toda a área produtiva de pêssigo da propriedade totalizando um valor de R\$ 6.627,20 no ano. Já o valor da energia elétrica utilizada para a irrigação dos pomares foi obtido através de informações fornecidas pelo produtor rural e ambos foram distribuídos às variedades de pêssigo pela sua área, uma vez que são custos específicos dessa cultura, conforme mostra a Tabela 18.

Tabela 18: Custos com seguro e energia elétrica

	<b>Chimarrita (R\$)</b>	<b>Marli (R\$)</b>	<b>Della Nona (R\$)</b>	<b>Eragil (R\$)</b>	<b>TOTAL (R\$)</b>
<b>Área (ha)</b>	<b>0,95</b>	<b>0,44</b>	<b>1,86</b>	<b>1,35</b>	<b>4,60</b>
Seguro do cultivo para granizo	1.368,66	633,91	2.679,69	1.944,94	6.627,20
Energia Elétrica para irrigação	61,96	28,70	121,30	88,04	300,00
<b>TOTAL</b>	<b>1.430,62</b>	<b>662,60</b>	<b>2.801,00</b>	<b>2.032,98</b>	<b>6.927,20</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Dessa forma, foi possível apurar os custos indiretos de produção totais do pêssego para o período do ano safra que totalizam R\$ 18.946,03 e podem ser visualizados detalhadamente na Tabela 19.

Tabela 19: Custos indiretos de produção totais da cultura pêssego

	<b>Chimarrita (R\$)</b>	<b>Marli (R\$)</b>	<b>Della Nona (R\$)</b>	<b>Eragil (R\$)</b>	<b>Total (R\$)</b>
Depreciação dos pomares	472,11	217,90	1.200,47	716,03	<b>2.606,51</b>
Seguro do cultivo para granizo	1.368,66	633,91	2.679,69	1.944,94	<b>6.627,20</b>
Energia elétrica para irrigação	61,96	28,70	121,30	88,04	<b>300,00</b>
Depreciação de máquinas e equipamentos	696,66	322,67	1.364,00	990,00	<b>3.373,32</b>
Combustível para tratores	609,16	282,14	1.192,67	865,65	<b>2.949,62</b>
Manutenção de máquinas e equipamentos	580,15	268,70	1.135,88	824,43	<b>2.809,16</b>
Bens de pequeno valor	32,63	15,11	63,89	46,37	<b>158,02</b>
EPIs	25,24	11,69	49,41	35,86	<b>122,20</b>
<b>TOTAL</b>	<b>3.846,57</b>	<b>1.780,81</b>	<b>7.807,32</b>	<b>5.511,32</b>	<b>18.946,03</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Como se pode observar, as variedades de pêssego com maior área apresentam um custo indireto de produção maior, uma vez que esses custos foram distribuídos proporcionalmente pela sua área. Destaca-se ainda, que esses custos apresentam valores relevantes e, portanto, de conhecimento indispensável para o produtor rural.

### 3.4 CUSTO DE PRODUÇÃO DA CULTURA DA AMEIXA

Na presente seção, apresenta-se o levantamento e apuração dos custos de produção da cultura da ameixa e para isso, relacionam-se os custos com insumos,

mão de obra empregada e os custos indiretos de produção. Os valores apresentados correspondem ao período do ano safra, ou seja, todos os gastos incorridos desde a poda e os tratamentos iniciais aplicados nos pomares, que se iniciam normalmente em junho do ano corrente, até a colheita e respectiva venda da ameixa, que ocorre de dezembro a fevereiro do ano subsequente.

### 3.4.1 Insumos

Para o cultivo de ameixa, os insumos utilizados não apresentam grande diferenciação daqueles utilizados no pêssigo, compreendendo desde os produtos para prevenção de doenças e adubação das plantas, além dos herbicidas aplicados no solo para o controle de plantas daninhas que totalizam um custo na safra de R\$ 7.364,20 com as duas variedades. A Tabela 20 demonstra os insumos utilizados com a variedade de ameixa Fortune, bem como seu custo total.

Tabela 20: Custo com insumos ameixa Fortune

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	1,0	37,00	37,00
Aliette	Fungicida	kg	1,0	130,00	130,00
Aureo	Adjuvante	l	1,0	10,00	10,00
Cefanol	Acaricida/Inseticida	kg	1,0	34,00	34,00
Clorogenera	Desinfetante	kg	0,8	180,00	144,00
Cobre atar	Fungicida/bactericida	kg	2,0	18,00	36,00
Dimexion	Inseticida	l	9,0	21,30	191,70
Dodex	Fungicida	l	1,0	96,00	96,00
Metitiofan	Fungicida	kg	7,0	23,50	164,50
Nativo	Fungicida	l	4,5	70,00	315,00
Rovral	Fungicida	l	6,0	103,00	618,00
Sumithion	Inseticida	l	4,5	48,00	216,00
Supa Cobre	Fertilizante (cobre)	l	11,0	32,60	358,60
Terra Sorb	Fertilizante foliar	l	2,0	29,00	58,00
Trebon	Inseticida	l	6,0	45,00	270,00
Unizeb	Fungicida	kg	5,0	13,00	65,00
Helmozone	Herbicida	l	20,0	17,50	350,00
FH Calcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	30,0	37,00	1.110,00
FH Micro total 10-20-20	Adubo mineral	sc.	7,0	59,00	413,00
<b>TOTAL</b>					<b>4.616,80</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Como se pode observar, o custo com insumos para essa variedade totalizou um valor de R\$ 4.616,80, sendo que, para a variedade de ameixa Letícia, não houve diferenciação com relação aos produtos aplicados, com exceção apenas do Erger, como pode ser observado na Tabela 21.

Tabela 21: Custo com insumos ameixa Letícia

PRODUTO	ESPECIFICAÇÃO	UN. MEDIDA	QUANT.	R\$/UNIT.	R\$ TOTAL
Abamex	Acaricida/Inseticida	l	0,5	37,00	18,50
Aliette	Fungicida	kg	0,5	130,00	65,00
Aureo	Adjuvante	l	0,5	10,00	5,00
Cefanol	Acaricida/Inseticida	kg	0,5	34,00	17,00
Clorogenera	Desinfetante	kg	0,4	180,00	72,00
Cobre atar	Fungicida/bactericida	kg	1,0	18,00	18,00
Dimexion	Inseticida	l	4,5	21,30	95,85
Dodex	Fungicida	l	0,5	96,00	48,00
Erger	Fertilizante	l	12,5	22,40	280,00
Metiltiofan	Fungicida	kg	3,5	23,50	82,25
Nativo	Fungicida	l	2,3	70,00	157,50
Rovral	Fungicida	l	3,0	103,00	309,00
Sumithion	Inseticida	l	2,3	48,00	108,00
Supa Cobre	Fertilizante (cobre)	l	5,5	32,60	179,30
Terra Sorb	Fertilizante foliar	l	1,0	29,00	29,00
Trebon	Inseticida	l	3,0	45,00	135,00
Unizeb	Fungicida	kg	2,5	13,00	32,50
Helmozone	Herbicida	l	10,0	17,50	175,00
FH Cálcio NK 09-00-24	Adubo mineral	sc.	18,0	37,00	666,00
FH Micro total 10-20-20	Adubo mineral	sc.	4,0	59,00	236,00
N cálcio	Adubo mineral	sc.	½	37,00	18,50
<b>TOTAL</b>					<b>2.747,40</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Destaca-se que essa variedade apresentou um custo mais baixo se comparado à Fortune, já que necessita de uma quantidade menor de insumos para seu tratamento, devido à área aplicada ser menor. Cabe lembrar que as quantidades utilizadas de cada insumo foram obtidas através de anotações referentes aos tratamentos realizados nos pomares, sendo que, para o valor do custo unitário foi feita uma média de valores durante o ano para se chegar a um valor unitário médio por insumo.

Da mesma forma que com o pêssego, o valor total ou individual dos insumos empregados em geral ou com cada variedade de ameixa representa uma informação desconhecida pelo produtor, uma vez que, somente conhece as quantidades utilizadas para cada variedade e não o custo total propriamente dito.

### 3.4.2 Mão de obra

Para o cálculo do valor de mão de obra estimou-se um valor para pagamento da diária relativo aos serviços realizados no pomar pelos proprietários e diaristas, baseado em valores pagos atualmente no meio rural. Dessa forma, foi feito um levantamento dos serviços realizados no cultivo da ameixa, além do tempo e da quantidade de pessoas necessárias para a realização de cada serviço. Assim, multiplicou-se o valor da diária pela quantidade de pessoas atuantes em cada função, e estes, pelo tempo correspondente obtendo-se o custo total de mão de obra dispendido na safra para o cultivo da ameixa que totaliza R\$ 12.600,00 conforme demonstrado na Tabela 22.

Tabela 22: Custo de mão de obra empregada no cultivo da ameixa

Serviços realizados	Quant. de pessoas	Tempo (dias)	Valor da diária (R\$)	Valor total (R\$)
Poda	2	7	70,00	980,00
Tratamentos	1	11	70,00	770,00
Raleio	4	8	70,00	2.240,00
Colheita	7	12	100,00	8.400,00
Roça	1	1	70,00	70,00
Aplicação de herbicida	1	2	70,00	140,00
<b>TOTAL DA SAFRA</b>				<b>12.600,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

O valor de mão de obra encontrado refere-se ao custo com todo o pomar, ou seja, é o valor dispendido com 1,95 hectares de ameixa, obtendo-se um custo de mão de obra de R\$ 6.461,54 por hectare. A partir da multiplicação deste valor pela área de cada pomar, é possível determinar o custo com mão de obra para cada variedade de ameixa conforme a Tabela 23.

Tabela 23: Custo total de mão de obra ameixa

<b>Variedade</b>	<b>Valor Mão de Obra (R\$)</b>
Fortune	8.076,92
Letícia	4.523,08
<b>TOTAL</b>	<b>12.600,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

O custo de mão de obra para o cultivo da ameixa totaliza R\$ 12.600,00, valor este bastante significativo e, por isso, de conhecimento necessário ao produtor, uma vez que corresponde a uma grande parcela do custo total dos produtos. Ressalta-se que o valor gasto com o funcionário não integra o cálculo do custo com mão de obra dispendido com a ameixa, uma vez que, o mesmo não participou em nenhum momento dos serviços realizados com este cultivo.

### 3.4.3 Custos indiretos de produção

Os custos indiretos de produção da ameixa compreendem os gastos com a depreciação e arrendamento do pomar, o seguro do cultivo para granizo e os valores correspondentes da depreciação e manutenção de máquinas e equipamentos, combustível para os tratores, bens de pequeno valor e EPIs.

Esses custos dividem-se em comuns e específicos, sendo os comuns àqueles referentes aos gastos dispendidos com ambas as culturas e os específicos, aqueles incorridos somente com a cultura da ameixa. Para os custos indiretos específicos foi feito o rateio pela área total da ameixa de 1,95 hectares, já os custos indiretos comuns foram rateados pela área total de 6,55 hectares que corresponde à soma das áreas de pêssego e da ameixa.

Pelo fato dos custos indiretos de produção comuns já terem sido apresentados na Tabela 11, não carece demonstrar seus valores totais para a safra novamente nesta seção. Esses custos, por serem dispendidos com ambas as culturas, foram distribuídos aos produtos proporcionalmente pela sua área, sendo o cálculo e os valores desta distribuição apresentados no Apêndice A.

Dessa forma, são apresentados na Tabela 24, os valores dos custos indiretos de produção comuns alocados para a cultura da ameixa que totalizam R\$ 3.990,00. Observa-se que o valor total da depreciação de máquinas e equipamentos para o ano safra totalizou R\$ 4.803,32, sendo que desse valor, apenas R\$ 1.430,00

referem-se ao cultivo da ameixa, tendo sido o restante alocado para o pêssego. Para os demais custos indiretos comuns à sistemática é a mesma estando os valores de sua distribuição apresentados a seguir.

Tabela 24: Custos indiretos de produção comuns da ameixa

	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	TOTAL (R\$)
Depreciação de máquinas e equipamentos	916,66	513,33	<b>1.430,00</b>
Combustível para tratores	801,53	448,85	<b>1.250,38</b>
Manutenção de máquinas e equipamentos	763,36	427,48	<b>1.190,84</b>
Bens de pequeno valor	42,94	24,05	<b>66,98</b>
EPs	33,21	18,60	<b>51,80</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2.557,69</b>	<b>1.432,31</b>	<b>3.990,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Os custos indiretos específicos da ameixa estão apresentados na Tabela 25 e totalizam um valor de R\$ 6.997,33 para o ano safra.

Tabela 25: Custos indiretos de produção específicos da ameixa

	Valor Anual (R\$)
Depreciação dos pomares	1.997,33
Seguro do cultivo para granizo	3.700,00
Arrendamento do pomar	1.300,00
<b>TOTAL</b>	<b>6.997,33</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Com relação à depreciação dos pomares, foi feito um levantamento dos custos de implantação do pomar de ameixa baseado em valores gastos pelo produtor para a implantação do mesmo, conforme Tabela 26.

Tabela 26: Custo de implantação pomar de ameixa

Serviços	Valor (R\$)
Preparo do solo	2.600,00
Correção do solo	1.500,00
Mão de Obra	2.100,00
Tratos Culturais 1 ano	1.200,00
<b>TOTAL</b>	<b>7.400,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Compõem esse custo, o preparo e correção do solo, a mão de obra e os tratamentos culturais no período de um ano. Além destes, integram o custo de implantação do pomar o custo com as mudas de ameixeira, assim, para este cálculo foi feito um levantamento da quantidade de plantas de cada pomar, que multiplicadas pelo seu valor unitário obteve-se o valor total das mudas para cada variedade, conforme a Tabela 27.

Tabela 27: Custo das mudas de ameixeira

Variedade	Quant. Mudas	Valor Unitário (R\$)	Total (R\$)
Fortune	2.000	7,67	15.336,67
Letícia	1.000	7,22	7.223,33
<b>TOTAL</b>	<b>3.000</b>		<b>22.560,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Pelo fato do custo de implantação, apresentado na Tabela 26, referir-se ao custo de todo o pomar de ameixa e as variedades possuírem áreas diferentes, foi necessário dividir o custo de implantação do pomar de ameixa pela sua área total de 1,95 hectares. O valor encontrado por hectare multiplicado pela área de cada variedade, juntamente com a soma do custo das mudas, resultou no custo total de implantação de cada variedade. A divisão do custo total de implantação pela duração do pomar em anos é o valor da depreciação anual, conforme a Tabela 28.

Tabela 28: Depreciação anual do pomar de ameixa

Variedade	Custo de implantação pomar (R\$)	Duração pomar (anos)	Depreciação anual (R\$)
Fortune	20.080,26	15	1.338,68
Letícia	9.879,74	15	658,65
<b>TOTAL</b>	<b>29.960,00</b>		<b>1.997,33</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Com relação aos custos com seguro do cultivo para granizo, estes foram contratados para toda a área produtiva de ameixa totalizando um valor de R\$ 3.700,00 no ano. Já o valor gasto com o arrendamento do pomar foi obtido através de informações fornecidas pelo produtor rural e ambos foram distribuídos às variedades de ameixa pela sua área, conforme a Tabela 29.

Tabela 29: Custos com seguro e arrendamento

	<b>Fortune (R\$)</b>	<b>Letícia (R\$)</b>	<b>TOTAL (R\$)</b>
<b>Área (ha)</b>	<b>1,25</b>	<b>0,7</b>	<b>1,95</b>
Seguro do cultivo para granizo	2.371,79	1.328,21	3.700,00
Arrendamento do pomar	833,33	466,67	1.300,00
<b>TOTAL</b>	<b>3.205,13</b>	<b>1.794,87</b>	<b>5.000,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Assim sendo, foi possível apurar os custos indiretos de produção totais da ameixa para o ano safra que totalizam R\$ 10.987,34, conforme demonstrados na Tabela 30.

Tabela 30: Custos indiretos de produção totais da cultura ameixa

	<b>Fortune (R\$)</b>	<b>Letícia (R\$)</b>	<b>Total (R\$)</b>
Depreciação dos pomares	1.338,68	658,65	<b>1.997,33</b>
Seguro do cultivo para granizo	2.371,79	1.328,21	<b>3.700,00</b>
Arrendamento do pomar	833,33	466,67	<b>1.300,00</b>
Depreciação de máquinas e equipamentos	916,66	513,33	<b>1.430,00</b>
Combustível para tratores	801,53	448,85	<b>1.250,38</b>
Manutenção de máquinas e equipamentos	763,36	427,48	<b>1.190,84</b>
Bens de pequeno valor	42,94	24,05	<b>66,98</b>
EPIs	33,21	18,60	<b>51,80</b>
<b>TOTAL</b>	<b>7.101,51</b>	<b>3.885,83</b>	<b>10.987,34</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Como se pode observar, a variedade Fortune, que possui uma área maior, apresenta um custo indireto de produção maior, uma vez que esses custos foram distribuídos pela área de cada produto. Destaca-se ainda, que esses custos apresentam valores relevantes e, portanto, de conhecimento indispensável para o produtor rural.

### 3.5 ESTRUTURAÇÃO DO CUSTO TOTAL E UNITÁRIO

Ao passo que foram calculados separadamente cada um dos custos inerentes ao cultivo do pêssigo e da ameixa, neste item estrutura-se o custo total e unitário referentes às duas culturas na safra aqui relacionada. Dessa forma,

apresenta-se o custo total e unitário das culturas e de suas respectivas variedades através do custeio por absorção e do custeio variável.

### 3.5.1 Custeio por Absorção

A apuração dos custos através do custeio por absorção leva em consideração todos os custos incorridos no período, sejam eles fixos ou variáveis, como custo total dos produtos. A Tabela 31 demonstra o custo total e individual por variedade para as culturas de pêsego e ameixa durante o período analisado, bem como seu custo unitário.

Tabela 31: Mapa geral dos custos – Custeio por Absorção

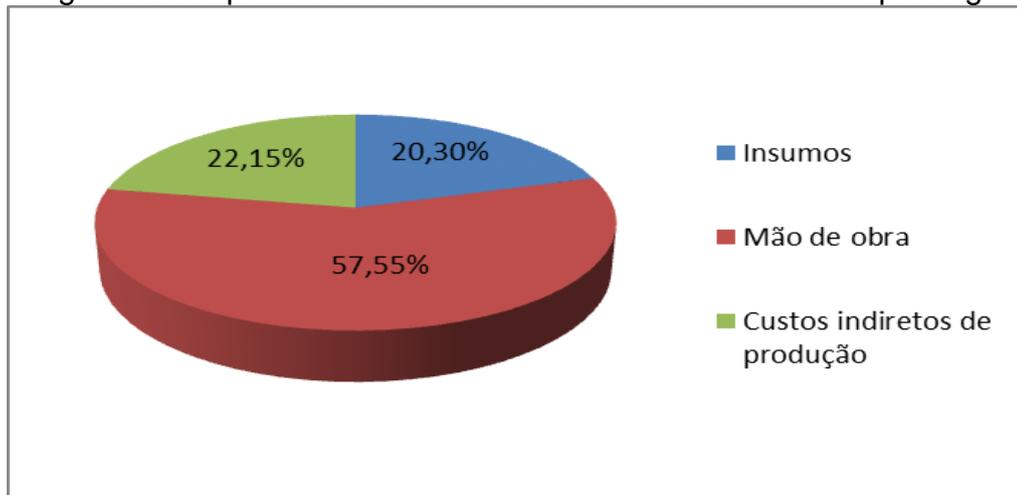
	Insumos (R\$)	Mão de Obra (R\$)	Custos indiretos de produção (R\$)	Custo Total (R\$)	Quant. vendida (kg)	Custo unitário (R\$)
Ameixa						
Fortune	4.616,80	8.076,92	7.101,51	<b>19.795,23</b>	39.490	<b>0,50</b>
Letícia	2.747,40	4.523,08	3.885,83	<b>11.156,31</b>	18.016	<b>0,62</b>
<b>TOTAL</b>	<b>7.364,20</b>	<b>12.600,00</b>	<b>10.987,34</b>	<b>30.951,54</b>	<b>57.506</b>	
Pêssego						
Chimarrita	2.842,15	10.168,45	3.846,57	<b>16.857,16</b>	4.510	<b>3,74</b>
Marli	1.739,50	4.709,60	1.780,81	<b>8.229,92</b>	12.792	<b>0,64</b>
Della Nona	8.052,14	19.908,75	7.807,32	<b>35.768,21</b>	36.524	<b>0,98</b>
Eragil	4.734,88	14.449,90	5.511,32	<b>24.696,10</b>	22.690	<b>1,09</b>
<b>TOTAL</b>	<b>17.368,67</b>	<b>49.236,69</b>	<b>18.946,03</b>	<b>85.551,39</b>	<b>76.516</b>	

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme apresentado na Tabela 31, para o valor do custo total da safra somam-se os custos com insumos, mão de obra e os custos indiretos de produção, obtendo-se o valor de R\$ 30.951,54 para a ameixa e R\$ 85.551,39 para o pêsego. Para o cálculo do custo unitário, dividiu-se o custo total de produção pela quantidade vendida correspondente de cada variedade.

Em seguida, foi mensurada a participação de cada um dos custos elencados no custo total da safra para ambas as culturas, assim, a Figura 10 demonstra os percentuais correspondentes a cada um durante a safra 2014/2015, para a cultura do pêsego.

Figura 10: Representatividade dos custos no custo total do pêsego

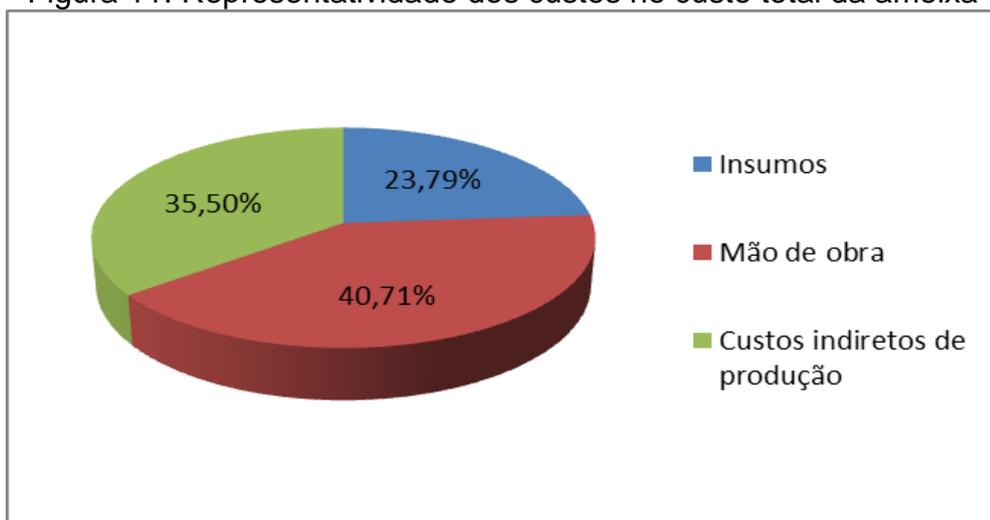


Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando que o custo total da safra com a cultura do pêsego possui representatividade de 100%, observa-se que o custo mais expressivo em relação ao total apurado é a mão de obra que representa 57,55% seguido dos custos indiretos de produção com 22,15% e os insumos com 20,30% de participação.

A Figura 11 demonstra os percentuais correspondentes com cada custo durante a safra 2014/2015, para a cultura de ameixa.

Figura 11: Representatividade dos custos no custo total da ameixa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Desta forma, o custo mais expressivo em relação ao total apurado é a mão de obra que representa 40,71%. Em seguida, aparecem os custos indiretos de produção com 35,50% e os insumos com 23,79% de participação.

### 3.5.2 Custeio Variável

A apuração dos custos através do custeio variável leva em consideração apenas os custos variáveis incorridos no período como custo total dos produtos, a Tabela 32 demonstra o custo variável total e individual por variedade para as culturas de pêssigo e ameixa durante o período analisado.

Tabela 32: Mapa geral dos custos – Custeio Variável

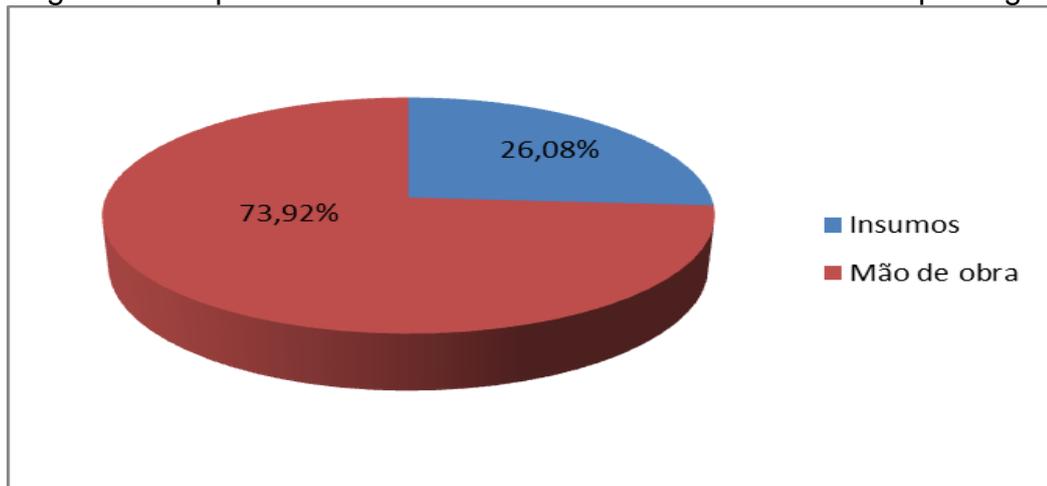
Produtos	Insumos (R\$)	Mão de Obra (R\$)	Custo Variável Total (R\$)	Quant. vendida (kg)	Custo variável unitário (R\$)
Ameixa					
Fortune	4.616,80	8.076,92	<b>12.693,72</b>	39.490	<b>0,32</b>
Letícia	2.747,40	4.523,08	<b>7.270,48</b>	18.016	<b>0,40</b>
<b>TOTAL</b>	<b>7.364,20</b>	<b>12.600,00</b>	<b>19.964,20</b>	<b>57.506</b>	
Pêssego					
Chimarrita	2.842,15	10.168,45	<b>13.010,59</b>	4.510	<b>2,88</b>
Marli	1.739,50	4.709,60	<b>6.449,10</b>	12.792	<b>0,50</b>
Della Nona	8.052,14	19.908,75	<b>27.960,89</b>	36.524	<b>0,77</b>
Eragil	4.734,88	14.449,90	<b>19.184,78</b>	22.690	<b>0,85</b>
<b>TOTAL</b>	<b>17.368,67</b>	<b>49.236,69</b>	<b>66.605,36</b>	<b>76.516</b>	

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Assim, para obter o custo variável somam-se os custos com insumos e mão de obra obtendo-se o valor de R\$ 19.964,20 para a ameixa e R\$ 66.605,36 para o pêssigo. Para o cálculo do custo variável unitário, dividiu-se o custo variável total pela quantidade vendida correspondente de cada cultura.

Dessa forma, mensurou-se a participação de cada um dos custos elencados no custo variável da safra para ambas as culturas, assim a Figura 12 demonstra os percentuais correspondentes a cada um, para a cultura do pêssigo.

Figura 12: Representatividade dos custos no custo variável do pêsego

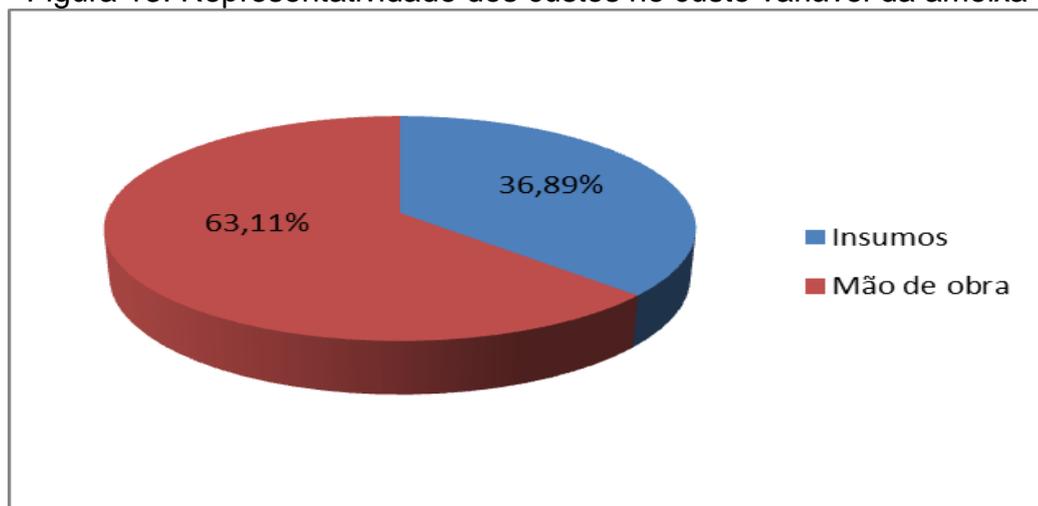


Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o exposto na Figura 12, considerando-se que o custo variável com a cultura do pêsego possui representatividade de 100% observa-se que o custo mais expressivo em relação ao total apurado é o da mão de obra, que representa 73,92%, seguido dos insumos com 26,08% de participação.

A Figura 13 demonstra os percentuais correspondentes com cada custo, para a cultura da ameixa.

Figura 13: Representatividade dos custos no custo variável da ameixa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Da mesma forma, observa-se que o custo mais expressivo em relação ao total apurado é a mão de obra, que representa 63,11%, seguido dos insumos com 36,89% de participação.

### 3.6 DESPESAS DA SAFRA

As despesas incorridas na safra somam R\$ 7.272,00 e referem-se aos valores de pró-labore e outros gastos gerais conforme apresentados na Tabela 33, classificando-se como despesas administrativas.

Tabela 33: Despesas da safra

	<b>Pêssego (R\$)</b>	<b>Ameixa (R\$)</b>	<b>Total (R\$)</b>
Pró-labore	4.980,64	2.111,36	<b>7.092,00</b>
Outros Gastos Gerais	126,41	53,59	<b>180,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5.107,05</b>	<b>2.164,95</b>	<b>7.272,00</b>
<b>% de participação</b>	<b>70,23%</b>	<b>29,77%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

O valor de pró-labore refere-se à remuneração do proprietário pelos serviços administrativos prestados na propriedade sendo pago o valor de R\$ 788,00 mensais, totalizando R\$ 7.092,00 no ano safra. Além do pró-labore incorrem gastos gerais no valor de R\$ 20,00 mensais totalizando R\$ 180,00 no período.

Conforme exposto na Tabela 33, as despesas incorridas no período foram distribuídas com base na área total de cada cultura, ou seja, cada cultura recebeu o percentual de despesas igual ao seu percentual de área, desta forma, o pêssego recebeu 70,23% do valor total, já a ameixa 29,77%.

### 3.7 APURAÇÃO DO RESULTADO ECONÔMICO GERADO

Após apresentar os mapas de custos e a parcela das despesas referentes a cada cultura, apurou-se o resultado econômico gerado pelo cultivo do pêssego e da ameixa partindo-se da receita operacional líquida.

A Tabela 34 demonstra a receita operacional líquida do pêssego que soma R\$ 163.481,07 na safra.

Tabela 34: Receita Operacional Líquida do Pêssego

	Chimarrita (R\$)	Marli (R\$)	Della Nona (R\$)	Eragil (R\$)	Total (R\$)
<b>Receita Operacional Bruta</b>	<b>17.857,40</b>	<b>31.010,00</b>	<b>92.095,90</b>	<b>60.041,00</b>	<b>201.004,30</b>
Venda dos produtos agrícolas	17.857,40	31.010,00	92.095,90	60.041,00	<b>201.004,30</b>
<b>(-) Deduções da Receita Bruta</b>	<b>3.744,78</b>	<b>4.264,00</b>	<b>17.800,58</b>	<b>11.713,86</b>	<b>37.523,23</b>
Funrural + Descontos concedidos	3.744,78	4.264,00	17.800,58	11.713,86	<b>37.523,23</b>
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>14.112,62</b>	<b>26.746,00</b>	<b>74.295,32</b>	<b>48.327,14</b>	<b>163.481,07</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme o exposto na Tabela 34, os valores de deduções da receita bruta referem-se aos valores descontados pela associação referentes à comercialização e venda da produção de pêssego.

A Tabela 35 apresenta a receita operacional líquida da ameixa para o mesmo período.

Tabela 35: Receita Operacional Líquida da Ameixa

	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	Total (R\$)
<b>Receita Operacional Bruta</b>	<b>104.877,00</b>	<b>46.841,60</b>	<b>151.718,60</b>
Venda dos produtos agrícolas	104.877,00	46.841,60	<b>151.718,60</b>
<b>(-) Deduções da Receita Bruta</b>	<b>989,90</b>	<b>1.233,60</b>	<b>2.223,50</b>
Funrural + descontos concedidos	989,90	1.233,60	<b>2.223,50</b>
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>103.887,10</b>	<b>45.608,00</b>	<b>149.495,10</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Os valores de deduções da receita apresentados na Tabela 35 referem-se aos valores descontados por terceiros referentes à comercialização e venda da produção de ameixa assim, a receita operacional líquida da ameixa para a safra totalizou R\$ 149.495,10.

### 3.7.1 Custeio por Absorção

Já tendo sido calculados os custos e despesas, tanto para o pêssego quanto para a ameixa, foi possível elaborar a apuração do resultado através do Custeio por Absorção para ambas as culturas.

A Tabela 36 apresenta o resultado total e individual de cada variedade durante a safra em questão, sendo que a cultura do pêssego apresentou um lucro líquido de R\$ 72.822,63 nesse período.

Tabela 36: Resultado do pêssego pelo Custeio por Absorção

	Chimarrita (R\$)	Marli (R\$)	Della Nona (R\$)	Eragil (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>14.112,62</b>	<b>26.746,00</b>	<b>74.295,32</b>	<b>48.327,14</b>	<b>163.481,07</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo total de produção</b>	<b>16.857,16</b>	<b>8.229,92</b>	<b>35.768,21</b>	<b>24.696,10</b>	<b>85.551,39</b>	<b>52,33%</b>
Insumos	2.842,15	1.739,50	8.052,14	4.734,88	<b>17.368,67</b>	10,62%
Mão de Obra	10.168,45	4.709,60	19.908,75	14.449,90	<b>49.236,69</b>	30,12%
Custos Indiretos de Produção	3.846,57	1.780,81	7.807,32	5.511,32	<b>18.946,0</b>	11,59%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>( 2.744,55)</b>	<b>18.516,08</b>	<b>38.527,11</b>	<b>23.631,04</b>	<b>77.929,69</b>	<b>47,67%</b>
<b>Despesas Operacionais</b>					<b>5.107,05</b>	3,12%
Despesas Administrativas					5.107,05	3,12%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>					<b>72.822,63</b>	<b>44,54%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Dentre os resultados apresentados, observa-se que a variedade Chimarrita foi a única a apresentar prejuízo, principalmente pelo fato de sua produção e venda ter sido pequena, uma vez que, foi a mais afetada pela geada fora de época. Assim, com uma receita líquida reduzida e com um custo de produção elevado, a variedade apresentou resultado negativo para o período da safra.

Do mesmo modo que para o pêssego, o resultado da ameixa foi apurado através do Custeio por Absorção conforme demonstrado na Tabela 37.

Tabela 37: Resultado da ameixa pelo Custeio por Absorção

	Fortune (R\$)	Leticia (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>103.887,10</b>	<b>45.608,00</b>	<b>149.495,10</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo total de produção</b>	<b>19.795,23</b>	<b>11.156,31</b>	<b>30.951,54</b>	<b>20,70%</b>
Insumos	4.616,80	2.747,40	<b>7.364,20</b>	4,93%
Mão de Obra	8.076,92	4.523,08	<b>12.600,00</b>	8,43%
Custos Indiretos de Produção	7.101,51	3.885,83	<b>10.987,34</b>	7,35%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>84.091,87</b>	<b>34.451,69</b>	<b>118.543,56</b>	<b>79,30%</b>
<b>Despesas Operacionais</b>			<b>2.164,95</b>	<b>1,45%</b>
Despesas Administrativas			2.164,95	1,45%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>			<b>116.378,62</b>	<b>77,85%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Dessa forma, a cultura da ameixa apresentou um lucro líquido de R\$ 116.378,62 que corresponde a 77,85% da receita líquida da safra, sendo que, ambas as variedades apresentaram individualmente um lucro bruto significativo, principalmente pelo fato de possuírem um custo de produção consideravelmente baixo se comparado à receita líquida obtida na venda das mesmas.

Ressalta-se que no custeio por absorção os custos fixos, são levados em consideração como custo total dos produtos sendo distribuído aos produtos através de critérios de rateio. Por meio desse método, todos os produtos recebem uma parcela dos custos fixos, o que não acontece pelo custeio variável.

### 3.7.2 Custeio Variável

Apesar de não ser aceito para fins fiscais, o custeio variável é muito utilizado para fins gerencias, pois demonstra a margem de contribuição de cada produto assim, foi apurado o resultado do pêsego e da ameixa através deste método de custeio.

A Tabela 38 demonstra o resultado apurado através do custeio variável para o pêsego. Nessa tabela estão consideradas as margens de contribuição total de cada variedade, logo, o produto que apresenta maior margem é o pêsego Della Nona, seguido das variedades Eragil, Marli e Chimarrita. As variedades juntas apresentam uma margem de contribuição total de R\$ 96.875,71 que representa 59,26% da receita operacional líquida da safra.

Tabela 38: Resultado do pêsego pelo Custeio Variável

	Chimarrita (R\$)	Marli (R\$)	Della Nona (R\$)	Eragil (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>14.112,62</b>	<b>26.746,00</b>	<b>74.295,32</b>	<b>48.327,14</b>	<b>163.481,07</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo Variável</b>	<b>13.010,59</b>	<b>6.449,10</b>	<b>27.960,89</b>	<b>19.184,78</b>	<b>66.605,36</b>	<b>40,74%</b>
Insumos	2.842,15	1.739,50	8.052,14	4.734,88	<b>17.368,67</b>	10,62%
Mão de Obra Direta	10.168,45	4.709,60	19.908,75	14.449,90	<b>49.236,69</b>	30,12%
<b>MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO TOTAL</b>	<b>1.102,02</b>	<b>20.296,90</b>	<b>46.334,43</b>	<b>29.142,36</b>	<b>96.875,71</b>	<b>59,26%</b>
(-) Custos fixos					18.946,03	11,59%
(-) Despesas fixas					5.107,05	3,12%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>					<b>72.822,63</b>	<b>44,54%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Por meio desse método de custeio, todas as variedades de pêsego apresentam resultados positivos, ou seja, margem de contribuição positiva e, portanto, contribuem para cobrir os custos e despesas fixas do período. Desse modo, o pêsego Chimarrita que havia apresentado prejuízo pelo custeio por absorção, apresenta uma margem de contribuição total positiva, contribuindo juntamente com as demais variedades para a formação do resultado líquido da safra.

Da mesma forma que com o pêsego, apurou-se o resultado da ameixa através do custeio variável apresentado na Tabela 39.

Tabela 39: Resultado da ameixa pelo Custeio Variável

	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>103.887,10</b>	<b>45.608,00</b>	<b>149.495,10</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo Variável</b>	<b>12.693,72</b>	<b>7.270,48</b>	<b>19.964,20</b>	<b>13,35%</b>
Insumos	4.616,80	2.747,40	<b>7.364,20</b>	4,93%
Mão de Obra Direta	8.076,92	4.523,08	<b>12.600,00</b>	8,43%
<b>MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO TOTAL</b>	<b>91.193,38</b>	<b>38.337,52</b>	<b>129.530,90</b>	<b>86,65%</b>
(-) Custos fixos			10.987,34	7,35%
(-) Despesas fixas			2.164,95	1,45%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>			<b>116.378,62</b>	<b>77,85%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Diante do exposto, as duas variedades de ameixa apresentaram margens unitárias positivas gerando uma margem de contribuição total de R\$ 129.530,90 que equivale a 86,65% da receita líquida do período. Ressalta-se que através desse método de custeio, apenas os custos com insumos e mão de obra são considerados como custos variáveis das culturas, sendo os custos fixos tratados como despesas da safra.

### 3.8 ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS ECONÔMICOS GERADOS

Para fins de análise das culturas de pêsego e ameixa, foi feito o levantamento dos custos e despesas para cada cultura e em seguida, a apuração dos resultados pelo custeio por absorção e variável, conforme apresentados anteriormente. Desta forma, evidenciou-se que o custo unitário dos produtos pelo custeio por absorção é maior, uma vez que, levam em consideração os custos fixos

e variáveis, já pelo custeio variável seu valor é menor por desconsiderar o custo fixo do período.

Logo, o custeio por absorção revela certa subjetividade por utilizar-se de critérios de rateio para distribuir os custos indiretos de produção aos produtos, uma vez que por mais adequado que pareça ser o critério de rateio utilizado, muitas vezes, esses podem distorcer o custo dos produtos, bem como, seu resultado. Pelo fato de serem desconsiderados no custeio variável, os custos fixos são levados como despesas do período trazendo informações gerenciais mais adequadas aos produtos.

Diferentemente do custeio por absorção que apresenta o conceito de lucro unitário, o custeio variável traz o conceito de margem de contribuição, que representa o quanto cada produto está contribuindo para pagar os custos e despesas fixas e ainda gerar lucro.

Dessa forma, os resultados líquidos apresentados em ambos os métodos de custeio não apresentam variação de valores no período, porém trazem enfoques de análises diferentes, conforme já mencionados. Assim, tanto a cultura do pêssego quanto da ameixa apresentaram resultados líquidos positivos na safra 2014/2015, quer seja apurado pelo custeio por absorção, quer seja pelo custeio variável.

Sendo assim, apresenta-se a demonstração do resultado consolidado da safra 2014/2015 conforme a Tabela 40.

Tabela 40: Resultado consolidado da safra

	Pêssego (R\$)	Ameixa (R\$)	Total (R\$)
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>	72.822,63	116.378,62	<b>189.201,25</b>
<b>% Participação</b>	<b>38,49%</b>	<b>61,51%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Salienta-se que o resultado líquido encontrado para ambas as culturas é igual tanto para o custeio por absorção quanto para o custeio variável, sendo que a ameixa é a cultura que apresenta o melhor resultado líquido representando 61,51% do lucro total da safra enquanto o pêssego representa 38,49%.

Depois de realizada a apuração dos resultados das culturas de pêssego e ameixa foi possível identificar o retorno gerado por elas, dessa forma obteve-se o valor do lucro unitário, bem como da margem de contribuição unitária, partindo-se do

preço de venda líquido de cada variedade. Para o cálculo da lucratividade, utilizou-se o custo unitário apurado no custeio por absorção, já para fins de cálculo da rentabilidade, utilizou-se o custeio variável para a composição do custo unitário de cada produto.

Ressalta-se que os valores de lucratividade e rentabilidade unitária e total são iguais, portanto, para as análises que se seguem apresentam-se somente os valores unitários.

Na Tabela 41, estão evidenciadas as lucratividades geradas por produto em relação ao seu preço de venda, tomando-se por base o lucro bruto unitário gerado pelos mesmos.

Tabela 41: Lucratividade sobre o preço de venda

	<b>Preço de Venda líquido (R\$/kg)</b>	<b>Custo unitário (R\$/kg)</b>	<b>Lucro bruto Unitário (R\$/kg)</b>	<b>Lucratividade %</b>
Ameixa				
Fortune	2,63	<b>0,50</b>	2,13	80,95%
Letícia	2,53	<b>0,62</b>	1,91	75,54%
Pêssego				
Chimarrita	3,13	<b>3,74</b>	- 0,61	-19,45%
Marli	2,09	<b>0,64</b>	1,45	69,23%
Della Nona	2,03	<b>0,98</b>	1,05	51,86%
Eragil	2,13	<b>1,09</b>	1,04	48,90%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme o exposto na Tabela 41, a cultura mais lucrativa da safra é a ameixa, sendo que, as variedades Fortune e Letícia apresentaram lucratividade de 80,95% e 75,54%, respectivamente. Para a cultura do pêssego, a variedade mais lucrativa é a Marli com 69,23% seguida das variedades Della Nona e Eragil. Entretanto, o pêssego Chimarrita apresentou percentual negativo de 19,45%, o significa que este produto não se apresentou lucrativo na safra gerando um prejuízo de R\$ 0,61 por kg de pêssego vendido.

Na Tabela 42, estão demonstradas as rentabilidades geradas por produto em relação ao seu preço de venda, tomando-se por base a margem de contribuição unitária obtida pelos mesmos. Dessa forma, as variedades que apresentam maior rentabilidade são as ameixas Fortune e Letícia com 87,78% e 84,06%,

respectivamente, já a menor rentabilidade da safra ficou com o pêssego Chimarrita que apresenta um percentual de 7,81%.

Tabela 42: Rentabilidade sobre o preço de venda

	<b>Preço de Venda líquido (R\$/kg)</b>	<b>Custo variável (R\$/kg)</b>	<b>Margem de Contribuição Unitária (R\$/kg)</b>	<b>Rentabilidade %</b>
Ameixa				
Fortune	2,63	0,32	2,31	87,78%
Letícia	2,53	0,40	2,13	84,06%
Pêssego				
Chimarrita	3,13	2,88	0,24	7,81%
Marli	2,09	0,50	1,59	75,89%
Della Nona	2,03	0,77	1,27	62,37%
Eragil	2,13	0,85	1,28	60,30%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Conforme mencionado anteriormente, a variedade de pêssego Chimarrita foi a mais prejudicada pela geada ocasionando uma queda bastante acentuada na sua produção, isso explica o motivo pelo qual essa variedade apresenta um percentual negativo de lucratividade e também a menor rentabilidade da safra. No entanto, as demais variedades de pêssego, bem como, da ameixa também sofreram redução na sua produção pelos efeitos deste fenômeno climático. Dessa forma, as receitas e os custos foram recalculados e obtiveram-se os resultados através dos métodos de custeio por absorção e variável, considerando-se uma produção normal para cada variedade de pêssego e ameixa.

Assim, partiu-se do pressuposto de que o preço de venda seja o mesmo do obtido na safra, bem como o valor das despesas administrativas, dessa forma, foi feito um levantamento junto ao produtor rural da quantidade que cada variedade produziria em condições normais, sem ocorrer nenhuma interferência climática. Além disso, foi considerando uma perda normal de produção de 10% para todas as variedades de pêssego e ameixa conforme determinado pelo produtor rural, logo, o cálculo da quantidade produzida por cultura em condições normais, bem como de sua receita operacional líquida podem ser evidenciados no Apêndice B e C, respectivamente.

Para o cálculo do custo dos produtos, foi considerado o mesmo valor gasto com insumos na safra, uma vez que, esses não se alteram, considerando uma

produção normal por se referir ao gasto com os tratamentos do pomar e não à quantidade produzida no período. Quanto aos custos indiretos de produção, esses também permaneceram iguais dos valores encontrados para a safra.

Já para o cálculo do custo com mão de obra, foi considerado um período de trabalho maior para a colheita e raleio, uma vez que, são os serviços que necessitam de mais tempo com um aumento da produção, acarretando em um custo maior para o período. A Tabela 43 demonstra os novos valores encontrados de mão de obra para cada cultura.

Tabela 43: Mão de obra: Produção normal

	Mão de Obra Total (R\$)
Ameixa	
Fortune	11.487,18
Letícia	6.432,82
<b>TOTAL</b>	<b>17.920,00</b>
Pêssego	
Chimarrita	12.289,43
Marli	5.691,94
Della Nona	24.061,40
Eragil	17.463,92
<b>TOTAL</b>	<b>59.506,69</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Dessa forma, foram calculados novamente os resultados do pêssego e da ameixa pelo custeio por absorção conforme demonstrados nos Apêndices D e E, respectivamente. Analisando os resultados encontrados no Apêndice D, nota-se que para o novo cenário de produção normal todas as variedades de pêssego apresentaram lucro maior, sendo que a variedade Chimarrita que antes apresentava prejuízo aparece agora como a segunda variedade com maior lucro bruto do período. Com relação à ameixa, conforme Apêndice E, ambas as variedades também apresentaram resultados positivos, sendo que o maior lucro bruto foi gerado pela variedade Fortune.

A partir dos resultados obtidos, foi possível apurar o lucro bruto unitário e a lucratividade gerada por variedade considerando o novo cenário proposto. Dessa forma, as variedades mais lucrativas são a ameixa Fortune e Letícia seguidos do pêssego Della Nona, Chimarrita, Marli e Eragil, todas com lucratividade acima de 60%, conforme apresentados na Tabela 44.

Tabela 44: Lucratividade para uma produção normal

	Preço de Venda líquido (R\$/kg)	Custo unitário (R\$/kg)	Lucro bruto Unitário (R\$/kg)	Lucratividade %
Ameixa				
Fortune	2,63	0,46	2,17	82,50%
Letícia	2,53	0,52	2,01	79,52%
Pêssego				
Chimarrita	3,13	0,86	2,27	72,65%
Marli	2,09	0,69	1,40	66,89%
Della Nona	2,03	0,55	1,48	72,95%
Eragil	2,13	0,85	1,28	60,01%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Além dos resultados apurados pelo custeio por absorção, foram apresentados também os novos resultados do pêssego e da ameixa pelo custeio variável conforme os Apêndices F e G, respectivamente. A partir do exposto no Apêndice F, todas as variedades de pêssego apresentaram margem de contribuição positiva e o pêssego Chimarrita que antes apresentava uma pequena margem, aparece agora como a segunda variedade com melhor margem de contribuição levando em consideração uma produção normal. Com relação à ameixa, conforme dados do Apêndice G, ambas as variedades apresentam margens de contribuição positivas.

Considerando-se uma produção normal, nota-se que todas as variedades de pêssego e ameixa apresentaram resultados melhores, uma vez que houve um aumento significativo em sua receita operacional líquida, principalmente para o pêssego que apresentou a maior queda de produção na safra e, conseqüentemente, uma menor receita para o período.

A partir dos resultados apurados, a Tabela 45 apresenta a margem de contribuição unitária e a rentabilidade gerada por variedade para o cenário de produção normal. Assim, as variedades mais rentáveis são as ameixas Fortune e Letícia com percentuais de 87,85% e 85,61%, respectivamente. Em seguida, aparecem o pêssego Della Nona, Chimarrita, Marli e Eragil. Vale ressaltar que para o cenário de produção normal, o pêssego Chimarrita apresenta a segunda melhor rentabilidade dentre as variedades de pêssego, diferentemente da rentabilidade obtida na safra na qual apresentou o menor percentual dentre todos os produtos.

Tabela 45: Rentabilidade para uma produção normal

	Preço de Venda líquido (R\$/kg)	Custo variável (R\$/kg)	Margem de Contribuição Unitária (R\$/kg)	Rentabilidade %
Ameixa				
Fortune	2,63	0,32	2,31	87,85%
Letícia	2,53	0,36	2,17	85,61%
Pêssego				
Chimarrita	3,13	0,68	2,45	78,19%
Marli	2,09	0,56	1,53	73,29%
Della Nona	2,03	0,44	1,59	78,24%
Eragil	2,13	0,68	1,45	67,96%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

A partir dos dados apresentados foi possível estabelecer um comparativo entre os resultados líquidos da safra obtidos pelo custeio por absorção e variável e os resultados líquidos obtidos considerando-se uma produção normal conforme mostra a Tabela 46.

Tabela 46: Comparativo dos resultados líquidos apurados

	Pêssego (R\$)	Ameixa (R\$)	Total (R\$)
Safra 2014/2015	72.822,63	116.378,62	<b>189.201,25</b>
Produção Normal	213.155,48	157.946,26	<b>371.101,74</b>
<b>Redução no Lucro</b>	<b>140.332,85</b>	<b>41.567,64</b>	<b>181.900,49</b>
<b>% de Redução</b>	<b>65,84%</b>	<b>26,32%</b>	<b>49,02%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

Considerando-se o resultado líquido a partir do novo cenário de produção normal se obteve o valor de R\$ 371.101,74, já o resultado líquido obtido efetivamente na safra 2014/2015 foi de R\$ 189.201,25 sendo estes valores os mesmos para ambos os métodos de custeio. Desta forma, percebe-se que houve uma redução de 49,02% no lucro líquido total da safra ocasionado pela menor produção das culturas.

Assim, pode-se dizer que o produtor teria aumentado o seu lucro líquido em R\$ 181.900,49 caso todas as variedades tivessem produzido normalmente, sem interferência de nenhum efeito climático que prejudicasse a produção do pêssego e da ameixa. Nota-se ainda que a cultura de pêssego apresentou a maior redução percentual no lucro líquido para este comparativo, com um percentual de 65,84%, enquanto que a ameixa apresentou uma redução de 26,32%.

Diante do exposto, é possível estabelecer uma relação de variação percentual entre os resultados da safra 2014/2015 e àqueles de uma produção normal em termos de lucratividade e rentabilidade geradas por produto conforme a Tabela 47.

Tabela 47: Variação do índice de lucratividade e rentabilidade

	<b>Variação do índice de lucratividade (%)</b>	<b>Variação do índice de rentabilidade (%)</b>
Ameixa		
Fortune	-1,88%	-0,08%
Letícia	-5,00%	-1,81%
Pêssego		
Chimarrita	-126,77%	-90,01%
Marli	3,50%	3,55%
Della Nona	-28,91%	-20,29%
Eragil	-18,52%	-11,27%

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

A partir dos dados da Tabela 47, todas as variedades de pêssego e ameixa apresentaram percentuais de lucratividade e rentabilidade menores na safra 2014/2015 se comparados aos da produção normal, com exceção apenas do pêssego Marli. Desta forma, a variedade que apresentou maior variação percentual de lucratividade e rentabilidade é o pêssego Chimarrita com 126,77% e 90,01%, respectivamente, em seguida aparece o pêssego Della Nona e Eragil com percentuais de redução bastante significativos.

Já as variedades de ameixa Fortune e Letícia apresentaram uma variação percentual pequena não passando dos 5,00% para a lucratividade e não chegando a 2,00% para a rentabilidade. Destaca-se que o pêssego Marli é a única variedade que apresentou variação positiva para o período, significando que se esse produto apresentou melhores resultados e índices de lucratividade e rentabilidade na safra, se comparados à produção normal. Isso ocorreu pelo fato desse produto ter apresentado um custo maior para uma produção normal e as quantidades produzidas, bem como sua receita líquida, não terem apresentado um aumento significativo para esse cenário se comparado à safra. Dessa maneira, a variedade não apresentou variação significativa no lucro bruto obtido.

Ressalta-se que, considerando numa produção normal, provavelmente o mercado não pagaria o mesmo preço de venda daquele obtido na safra, e por isso,

os valores de lucratividade e rentabilidade se alterariam não sendo possível chegar aos resultados obtidos neste trabalho.

### 3.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando-se as duas culturas produzidas na propriedade na safra 2014/2015 e considerando-se os dois métodos de apuração de custos desenvolvidos nesse estudo, a cultura da ameixa apresenta melhores resultados econômicos se comparados com os do pêssego. O resultado encontrado para a ameixa, com base no custeio por absorção e pelo custeio variável foi um lucro de R\$ 116.378,62, enquanto que para o pêssego, verificou-se um lucro líquido de R\$ 72.822,63. Assim, 61,51% do lucro líquido total da safra referem-se à ameixa e 38,49% ao pêssego.

O custeio por absorção é o método aceito pela legislação comercial e fiscal, por atender aos princípios fundamentais de Contabilidade, porém é incompleto como instrumento gerencial por utilizar-se de critérios de rateios. Através desse método, apenas a variedade de pêssego Chimarrita apresentou prejuízo no valor de R\$ 2.744,55, sendo que as demais variedades de pêssego e ameixa apresentaram um lucro bruto significativo. Assim, com uma produção e receita líquida de venda pequena e um custo de produção alto, essa variedade não foi capaz de apresentar lucro no período.

Já no custeio variável, o foco está direcionado em obter a margem de contribuição de cada produto, por isso, todas as variedades de pêssego e ameixa apresentaram margem de contribuição total positiva, o que significa dizer que ambas as culturas contribuem para o pagamento dos custos e despesas fixas. O pêssego Chimarrita que apresentou prejuízo pelo custeio por absorção, por meio deste método, apresenta uma margem de contribuição de R\$ 1.102,02 contribuindo juntamente com as demais variedades para a geração do lucro líquido da safra.

Para o novo cenário de produção normal proposto para esse estudo, os resultados líquidos totais obtidos pelos dois métodos de custeio aumentariam em 49,02%, apresentando um resultado líquido de R\$ 371.101,74. Considerando esse cenário, a ameixa novamente se apresenta como a mais lucrativa e rentável, porém a cultura de pêssego passa a representar 57,44% do resultado líquido da safra enquanto que a ameixa 42,56%.

Em resumo, ao analisar os resultados líquidos obtidos pelos dois métodos de custeio, constata-se que a cultura da ameixa apresenta melhores resultados econômicos para a safra 2014/2015, se comparado aos resultados obtidos com a cultura do pêssego, no entanto, ambas as culturas apresentam ótimos índices de lucratividade e rentabilidade para o período.

## 4 CONCLUSÃO

A Contabilidade desempenha papel relevante como ferramenta de suporte à administração e apoio à tomada de decisão, fornecendo informações precisas que permitam o gerenciamento e o controle econômico financeiro rigoroso garantindo o sucesso de qualquer empreendimento.

A necessidade de qualificação para operar nas atividades rurais quanto da utilização de meios de gerenciamento, são nos dias de hoje, quesitos fundamentais para o bom andamento da atividade. O gestor rural deve acima de tudo, exercer a função administrativa, ou seja, planejar e controlar suas atividades garantindo com isso, melhores resultados econômicos e de produtividade.

O presente estudo propôs-se analisar o resultado econômico gerado pelas culturas de pêssego e ameixa em uma propriedade rural de Antônio Prado – RS, durante a safra 2014/2015. Para isso, foram apresentados inicialmente os conceitos referentes ao tema em estudo e suas contribuições, um panorama da agricultura no Brasil e uma breve contextualização da propriedade rural em estudo. Em seguida, foram identificadas as receitas provenientes da venda das culturas assim como foram apurados seus custos de produção sendo analisados, em último momento, os resultados econômicos gerados pela venda do pêssego e ameixa no referido período.

Analisando-se os resultados líquidos obtidos na safra 2014/2015 e considerando-se os dois métodos de apuração de custos desenvolvidos nesse estudo, a ameixa apresenta melhores resultados econômicos que se comparados ao pêssego. No entanto, ambas as culturas apresentam ótimos índices de lucratividade e rentabilidade para o período.

Ressalta-se que mesmo apresentado uma produção menor, a ameixa consegue gerar melhores resultados econômicos que a cultura do pêssego, sendo que, esse melhor desempenho pode ser justificado por fatores mercadológicos como a obtenção de melhores preços para essa cultura devido à mesma apresentar um valor agregado maior na sua venda. Outro fator impactante para o desempenho dessa cultura é o fato de apresentar um custo de produção mais baixo, bem como os descontos concedidos em sua comercialização terem sido menores que os do pêssego.

Verificou-se também, que o resultado líquido da safra aumentaria em praticamente o dobro do seu valor, caso todas as culturas produzissem normalmente sem interferência de nenhum efeito climático. Porém, considerando-se uma produção normal, provavelmente o mercado não pagaria o mesmo preço de venda daquele obtido na safra e por isso, os resultados econômicos gerados, bem como, os valores de lucratividade e rentabilidade se alterariam, não sendo possível chegar aos resultados apresentados neste trabalho.

Assim, sugerem-se futuros estudos que busquem verificar o preço de venda que o mercado estaria disposto a pagar no caso de se realizar uma safra com produção normal na região, bem como analisar o reflexo desse preço no resultado líquido do período.

Com relação às proposições desse estudo, comprovou-se que a atividade rural apresenta boa taxa de rentabilidade capaz de satisfazer as expectativas de lucro para o produtor rural. Ainda, conclui-se que mesmo o produtor não tendo conhecimento de seus custos de produção, o mesmo está obtendo resultados líquidos positivos e lucros satisfatórios com a venda de sua produção.

Diante disso, esse estudo mostra-se útil para o gestor da propriedade ao passo que demonstra a importância de se possuir um controle de custos na propriedade tornando possível apurar e avaliar o resultado gerado com cada cultura, bem como, verificar sua lucratividade e rentabilidade. Espera-se que este trabalho contribua como orientação ao produtor rural na gestão de sua propriedade, garantido assim, sua permanência no campo.

Outro aspecto a destacar refere-se ao fato de que o presente estudo poderá ser realizado em outras propriedades rurais para a apuração e análise de seus resultados bastando apenas que os gestores adaptem à realidade de suas propriedades. Além disso, poderá servir de base para futuros estudos e pesquisas na área ou até mesmo buscar material para a realização de novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Abel Duarte; NORTHCOTE, Jeremy. Investigating farmers' involvement in value-added activities: A preliminary study from Australia. **British Food Journal**, v. 115, n. 10, p. 1407-1427, 2013.

ANDRADE, Mário Geraldo Ferreira de; MORAIS, Márcio Iris de; MUNHÃO, Eder Eugênio; PIMENTA, Paulo Roberto. Controle de custos na agricultura: um estudo sobre a rentabilidade na cultura da soja. **Custos e @gronegocio on line**, Recife, volume 8, número 3, p. 24-45, Jul/Set 2012. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero3v8/rentabilidade%20soja.pdf>>. Acesso em: 18 abr 2015

ANDRADE, Maria Margarida de; MARTINS, João Alcino de Andrade. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSEF, Roberto. **Gerência de preços**: como ferramenta de marketing: do valor percebido pelo consumidor aos lucros da empresa. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BARCELLOS, Júlio. O. J.; LAMPERT, Vinicius N.; GRUNDLING, Roberta D. P.; CANELLAS, Leonardo C. **A empresa rural do século XXI no contexto do agronegócio brasileiro**. In: II Curso de Capacitação Profissional para Gerentes Rurais Ênfase em Pecuária de Corte e Leite. Porto Alegre: NESPRO/UFRGS, 2010. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/nespro/sysdownloads/arquivos/outros/A\\_EMP\\_RURAL\\_DO\\_SECULO\\_XXI.pdf](http://www.ufrgs.br/nespro/sysdownloads/arquivos/outros/A_EMP_RURAL_DO_SECULO_XXI.pdf)>. Acesso em: 18 abr 2015

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEULKE, Rolando; BERTÓ, Dalvio José. **Gestão de custos**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3.ed. atual. São Paulo: Atlas, 2006. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/startservico/MIB/>>. Acesso em: 21 mai. 2015

BIASIO, Roberto. **Contabilidade de custos para o exame de suficiência do CFC para bacharel em Ciências Contábeis**. São Paulo: EDIPRO Concursos, 2012.

BONTEMPO, Gabriella. **ONU reforça a importância da agricultura familiar para o mundo**. 2014. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/onu-refor%3%A7a-import%3%A2ncia-da-agricultura-familiar-para-o-mundo>>. Acesso em: 01 mai. 2015

BORILLI, Salette Polônia; PHILIPPSEN, Rejane Bertinatto; RIBEIRO, Rosemeri Giaretta; HOFER, Helza. O uso da Contabilidade Rural como ferramenta gerencial:

um estudo de caso dos produtores rurais no município de Toledo – PR. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Toledo, v. 6, n. 1, jan/jun 2005. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/empresarial/article/view/301/272>>. Acesso em: 18 abr 2015

BORNIA, Antonio Cezar. **Análise gerencial de custos**: aplicação em empresas modernas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BOSCH, Josep M<sup>a</sup> Argilés; BLANDÓN, Josep García. The influence of size on cost behaviour associated with tactical and operational flexibility. **Estudios de Economía**, v. 38, n. 2, p. 419-455, 2011.

BRAZILIAN FRUIT. **Estatísticas de exportação**. 2011. Disponível em: <<http://www.brazilianfruit.org.br/Pbr/Inteligencia/Estatisticas/PDF/Comparativo%20das%20Exporta%C3%A7%C3%B5es%20Brasileiras%20de%20Frutas%20Frescas%202011-2010.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2015

\_\_\_\_\_. **A fruticultura**. 2015. Disponível em: <<http://www.brazilianfruit.org.br/Pbr/Fruticultura/Fruticultura.asp>>. Acesso em: 02 mai. 2015

BRUNI, Adriano Leal; FAMÁ, Rubens. **Gestão de custos e formação de preços**: com aplicações na calculadora HP 12C e Excel. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CARTER, Amanda J.; BURRITT, Roger L.; PISANIELLO, John D. The dual roles for accountants in sustaining rural communities. **Accounting Research Journal**, v. 26, n. 2, p. 130-153, 2013.

CASTRO, L.A.S. **Perspectivas de cultivo da ameixeira**. Jornal da Fruta. Lages-SC, p.24, set. 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, c2007.

COELHO, Cláudio Ulysses Ferreira; LINS, Luiz dos Santos. **Teoria da contabilidade**: abordagem contextual, histórica e gerencial. São Paulo: Atlas, 2010.

COHEN, Sandra; KAIMENAKI, Efrosini. Cost accounting systems structure and information quality properties: An empirical analysis. **Journal of Applied Accounting Research**, v. 12, n. 1, p. 5-25, 2011.

CONCEIÇÃO, Júnia Cristina Peres R. da; CONCEIÇÃO, Pedro Henrique Zuchi da. **Agricultura: evolução e importância para a balança comercial brasileira**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3031/1/TD\\_1944.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3031/1/TD_1944.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2015

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade de custos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade rural: uma abordagem decisoria**. 7. ed., atual. São Paulo: Atlas, 2012.

DUBOIS, Alexy; KULPA, Luciana; SOUZA, Luiz Eurico de. **Gestão de custos e formação de preços: conceitos, modelos e instrumentos, abordagem do capital de giro e da margem de competitividade**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ECKERT, Alex. **Teoria da contabilidade para o exame de suficiência do CFC para bacharel em Ciências Contábeis**. São Paulo: EDIPRO, 2011.

EIDAM, Tânia; PAVANELLO, Alexandre Pozzobom; AYUB, Ricardo Antônio. Ameixeira no Brasil. **Revista Brasileira de Fruticultura**. Jaboticabal, v. 34, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbf/v34n1/v34n1a01.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2015

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Sistema de produção de pêssego de mesa na região da Serra Gaúcha**. 2003. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Pessego/PessegodeMesaRegiaoSerraGaucha/index.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2015

\_\_\_\_\_. **Cultivo da Ameixeira - Introdução**. 2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ameixa/CultivodaAmeixeira/cap01.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2015

\_\_\_\_\_. **Cultivo da Ameixeira - Cultivares**. 2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ameixa/CultivodaAmeixeira/cap04.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2015

\_\_\_\_\_. **Cultivo do Pessegueiro - Cultivares**. 2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Pessego/CultivodoPessegueiro/cap05.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2015

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **Comércio - Culturas e produtos animais**. 2012. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/T/TP/S>>. Acesso em: 02 mai. 2015

\_\_\_\_\_. **Produção - Cultivos**. 2013. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/S>>. Acesso em: 02 mai. 2015

FAVERO, Hamilton Luiz; LONARDONI, Mário; SOUZA, Clóvis de; TAKAKURA, Massakazu. **Contabilidade: teoria e prática**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FERREIRA, José Antônio Stark. **Contabilidade de custos**. São Paulo: Pearson, 2007

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS CONTÁBEIS, ATUARIAIS E FINANCEIRAS; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens; IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Manual de contabilidade das sociedades por ações**: aplicável às demais sociedades. 7.ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOFER, Elza; PACHECO, Vicente; SOUZA, Alceu; PROTIL, Roberto Max. A relevância do controle contábil para o desenvolvimento do agronegócio em pequenas e médias propriedades rurais. **Revista de Contabilidade e Controladoria**. Curitiba, v. 3, n. 1, p.27-42, jan/abr 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rcc/article/view/21490>>. Acesso em: 19 abr 2015

HOLANTEC - Consultoria em Fruticultura. **Ameixa**. 2015. Disponível em: <<http://www.holantec.com.br/ameixa.php>>. Acesso em: 02 mai. 2015

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção agrícola municipal: Culturas temporárias e permanentes**. 2013. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao\\_Agricola/Producao\\_Agricola\\_Municipal\\_\[anual\]/2013/pam2013.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Producao_Agricola_Municipal_[anual]/2013/pam2013.pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2015

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos**: um enfoque administrativo. 13.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Produto Interno Bruto da agropecuária deve ser de R\$ 1,1 trilhão**. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2014/12/produto-interno-bruto-da-agropecuaria-deve-ser-de-rs-1-trilhao>>. Acesso em 01 mai. 2015

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Relação total de imóveis rurais Brasil abril 2012**. 2012. Disponível em: <[http://www.incra.gov.br/media/politica\\_fundiaria/regularizacao\\_fundiaria/estatisticas\\_cadastrais/imoveis\\_total\\_brasil.pdf](http://www.incra.gov.br/media/politica_fundiaria/regularizacao_fundiaria/estatisticas_cadastrais/imoveis_total_brasil.pdf)>. Acesso em 01 mai. 2015

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social. **Agricultura Familiar**. 2015. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/programas-complementares/beneficiario/agricultura-familiar>>. Acesso em: 01 mai. 2015

MARION, José Carlos. **Contabilidade básica**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade rural: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda pessoa jurídica**. 12.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos: análise e gestão**. 3.ed. São Paulo: Pearson, 2012. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/startservico/PEA/>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Curso básico gerencial de custos**. São Paulo: Thomson, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manual de contabilidade básica: contabilidade introdutória e intermediária: texto e exercícios**. 7.ed. atual. São Paulo: Atlas, 2009.

PEREZ JÚNIOR, José Hernandez; OLIVEIRA, Luís Martins de; COSTA, Rogério Guedes. **Gestão estratégica de custos: textos, casos práticos e testes com as respostas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PORTAL BRASIL. **Agricultura familiar encerra 2013 com recordes e traça metas**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/01/agricultura-familiar-encerra-2013-com-records-e-traca-metas>>. Acesso em: 01 mai. 2015

REETZ, Erna Regina; KIST, Benno Bernardo; SANTOS, Cleiton Evandro dos; CARVALHO, Cleonice de; DRUM, Marluci. **Anuário brasileiro da fruticultura 2015**. Santa Cruz do Sul: Ed. Gazeta Santa Cruz, 2015. Disponível em: <[http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo\\_edicao/4/2015/03/20150301\\_106c8c2f1/pdf/4718\\_2015fruticultura.pdf](http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo_edicao/4/2015/03/20150301_106c8c2f1/pdf/4718_2015fruticultura.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2015

REIS NETO, Stelito Assis dos. Uma empresa do tamanho da Agropecuária Brasileira. In: Companhia Nacional de Abastecimento. **Indicadores da Agropecuária**. Ano 1, n.1 (1992-.). – Brasília: Conab, 1992-. v. 1 Mensal. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2015

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade básica fácil**. 27.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Aline Borba dos; NASCIMENTO, Fábio Santos do. Transformações ocorridas ao longo da evolução da atividade agrícola: algumas considerações. **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, vol.5, n.8, 2009 Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009B/transformacoes.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2015

SANTOS, Cleiton Evandro dos; KIST, Benno Bernardo, CARVALHO, Cleonice de; REETZ, Erna Regina; DRUM, Marluci. **Anuário brasileiro da fruticultura 2014**. Santa Cruz: Ed. Gazeta Santa Cruz, 2013. Disponível em: <[http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo\\_edicao/4/2014/03/20140325\\_3d8463877/pdf/4333\\_fruticultura\\_2014.pdf](http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo_edicao/4/2014/03/20140325_3d8463877/pdf/4333_fruticultura_2014.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2015

SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, Joel José dos. **Contabilidade e análise de custos:** modelo contábil, métodos de depreciação, ABC - custeio baseado em atividades, análise atualizada de encargos sociais sobre salários, custos de tributos sobre compras e vendas. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, Raimundo Nonato Souza; LINS, Luiz dos Santos. **Gestão de custos:** contabilidade, controle e análise. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

VALLE, Francisco. **Manual de contabilidade agrária:** a produção agrária, a administração da empresa agrária, a contabilidade agrária. São Paulo: Atlas, 1983.

VELOSO, Fernando; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. A diversificação produtiva e as alternativas desenvolvidas no espaço rural do município de Junqueirópolis (SP). **Geografia em Atos (Online)**, v. 2, n. 12, 2012. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/1723/fv>>. Acesso em: 13 jun. 2015

VIANA, Mayra Monteiro; JULIÃO, Letícia. Importação. **Hortifruti Brasil**. Publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – USP/ESALQ. Ano 12, nº 129, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/129/full.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2015

WERNKE, Rodney. **Gestão de custos:** uma abordagem prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Rateio dos custos indiretos de produção comuns da safra.....	104
APÊNDICE B – Cálculo da produção normal.....	105
APÊNDICE C – Cálculo da receita operacional líquida para uma produção normal .....	106
APÊNDICE D – Resultado do pêssego pelo custeio por absorção considerando uma produção normal.....	107
APÊNDICE E – Resultado da ameixa pelo custeio absorção considerando uma produção normal.....	108
APÊNDICE F – Resultado do pêssego pelo custeio variável considerando uma produção normal.....	109
APÊNDICE G – Resultado da ameixa pelo custeio variável considerando uma produção normal.....	110

### APÊNDICE A – RATEIO DOS CUSTOS INDIRETOS DE PRODUÇÃO COMUNS DA SAFRA

	Chimarrita (R\$)	Marli (R\$)	Della Nona (R\$)	Eragil (R\$)	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	TOTAL (R\$)
Área (ha)	0,95	0,44	1,86	1,35	1,25	0,7	6,55
%	14,50%	6,72%	28,40%	20,61%	19,08%	10,69%	100,00%
Depreciação das máquinas e equipamentos	696,66	322,67	1.364,00	990,00	916,66	513,33	4.803,32
Combustível para tratores	609,16	282,14	1.192,67	865,65	801,53	448,85	4.200,00
Manutenção de máquinas e equipamentos	580,15	268,70	1.135,88	824,43	763,36	427,48	4.000,00
Bens de pequeno valor	32,63	15,11	63,89	46,37	42,94	24,05	225,00
EPIs	25,24	11,69	49,41	35,86	33,21	18,60	174,00
<b>TOTAL</b>	<b>1.943,85</b>	<b>900,31</b>	<b>3.805,85</b>	<b>2.762,31</b>	<b>2.557,69</b>	<b>1.432,31</b>	<b>13.402,32</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

### APÊNDICE B – CÁLCULO DA PRODUÇÃO NORMAL

	Quant. máxima de produção (Kg)	Perda Normal (10%)	Produção normal (kg)
Ameixa			
Fortune	56.000	5.600,0	50.400
Letícia	28.000	2.800,0	25.200
Pêssego			
Chimarrita	24.640	2.464,0	22.176
Marli	14.784	1.478,4	13.306
Della Nona	80.612	8.061,2	72.551
Eragil	36.148	3.614,8	32.533
<b>TOTAL</b>	<b>156.184</b>	<b>15.618,4</b>	<b>140.566</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

**APÊNDICE C – CÁLCULO DA RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA PARA UMA PRODUÇÃO NORMAL**

	<b>Preço de Venda líquido (R\$)</b>	<b>Receita operacional líquida (R\$)</b>
Ameixa		
Fortune	2,63	132.588,25
Letícia	2,53	63.794,49
<b>TOTAL</b>		<b>196.382,74</b>
Pêssego		
Chimarrita	3,13	69.392,77
Marli	2,09	27.819,85
Della Nona	2,03	147.579,25
Eragil	2,13	69.292,05
<b>TOTAL</b>		<b>314.083,92</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

**APÊNDICE D – RESULTADO DO PÊSSEGO PELO CUSTEIO POR ABSORÇÃO  
CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL**

	<b>Chimarrita (R\$)</b>	<b>Marli (R\$)</b>	<b>Della Nona (R\$)</b>	<b>Eragil (R\$)</b>	<b>Total (R\$)</b>	<b>Análise vertical %</b>
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>69.392,77</b>	<b>27.819,85</b>	<b>147.579,25</b>	<b>69.292,05</b>	<b>314.083,92</b>	<b>100,00 %</b>
<b>(-) Custo total de produção</b>	<b>18.978,14</b>	<b>9.212,26</b>	<b>39.920,86</b>	<b>27.710,12</b>	<b>95.821,39</b>	<b>30,51%</b>
Insumos	2.842,15	1.739,50	8.052,14	4.734,88	<b>17.368,67</b>	5,53%
Mão de Obra	12.289,43	5.691,94	24.061,40	17.463,92	<b>59.506,69</b>	18,95%
Custos Indiretos de Produção	3.846,57	1.780,81	7.807,32	5.511,32	<b>18.946,03</b>	6,03%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>50.414,62</b>	<b>18.607,59</b>	<b>107.658,39</b>	<b>41.581,93</b>	<b>218.262,53</b>	<b>69,49%</b>
<b>Despesas Operacionais</b>					<b>5.107,05</b>	<b>1,63%</b>
Despesas Administrativas					5.107,05	1,63%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>					<b>213.155,48</b>	<b>67,87%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

**APÊNDICE E – RESULTADO DA AMEIXA PELO CUSTEIO ABSORÇÃO  
CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL**

	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>132.588,25</b>	<b>63.794,49</b>	<b>196.382,74</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo total de produção</b>	<b>23.205,49</b>	<b>13.066,05</b>	<b>36.271,54</b>	<b>18,47%</b>
Insumos	4.616,80	2.747,40	<b>7.364,20</b>	3,75%
Mão de Obra	11.487,18	6.432,82	<b>17.920,00</b>	9,13%
Custos Indiretos de Produção	7.101,51	3.885,83	<b>10.987,34</b>	5,59%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>109.382,76</b>	<b>50.728,44</b>	<b>160.111,20</b>	<b>81,53%</b>
<b>Despesas Operacionais</b>			<b>2.164,95</b>	<b>1,10%</b>
Despesas Administrativas			2.164,95	1,10%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>			<b>157.946,26</b>	<b>80,43%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

**APÊNDICE F – RESULTADO DO PÊSSEGO PELO CUSTEIO VARIÁVEL  
CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL**

	<b>Chimarrita (R\$)</b>	<b>Marli (R\$)</b>	<b>Della Nona (R\$)</b>	<b>Eragil (R\$)</b>	<b>Total (R\$)</b>	<b>Análise vertical %</b>
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>69.392,77</b>	<b>27.819,85</b>	<b>147.579,25</b>	<b>69.292,05</b>	<b>314.083,92</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo Variável</b>	<b>15.131,57</b>	<b>7.431,45</b>	<b>32.113,54</b>	<b>22.198,80</b>	<b>76.875,36</b>	<b>24,48%</b>
Insumos	2.842,15	1.739,50	8.052,14	4.734,88	<b>17.368,67</b>	5,53%
Mão de Obra	12.289,43	5.691,94	24.061,40	17.463,92	<b>59.506,69</b>	18,95%
<b>MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO TOTAL</b>	<b>54.261,19</b>	<b>20.388,41</b>	<b>115.465,71</b>	<b>47.093,25</b>	<b>237.208,56</b>	<b>75,52%</b>
(-) Custos fixos					<b>18.946,03</b>	6,03%
(-) Despesas fixas					<b>5.107,05</b>	1,63%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>					<b>213.155,48</b>	<b>67,87%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.

**APÊNDICE G – RESULTADO DA AMEIXA PELO CUSTEIO VARIÁVEL  
CONSIDERANDO UMA PRODUÇÃO NORMAL**

	Fortune (R\$)	Letícia (R\$)	Total (R\$)	Análise vertical %
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>132.588,25</b>	<b>63.794,49</b>	<b>196.382,74</b>	<b>100,00%</b>
<b>(-) Custo Variável</b>	<b>16.103,98</b>	<b>9.180,22</b>	<b>25.284,20</b>	<b>12,87%</b>
Insumos	4.616,80	2.747,40	<b>7.364,20</b>	3,75%
Mão de Obra	11.487,18	6.432,82	<b>17.920,00</b>	9,13%
<b>MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO TOTAL</b>	<b>116.484,27</b>	<b>54.614,27</b>	<b>171.098,54</b>	<b>87,13%</b>
(-) Custos fixos			10.987,34	5,59%
(-) Despesas fixas			2.164,95	1,10%
<b>RESULTADO LÍQUIDO DA SAFRA</b>			<b>157.946,26</b>	<b>80,43%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do produtor rural.